

ORACÃO  
FUNEBRE  
NAS EXEQUIAS

DO REVERENDÍSSIMO PADRE

ANTONIO VIEIRA

Da Companhia de JESU, Prégador dos Reys D. João IV, D.  
Affonso VI. e D. Pedro II.

*Que na Igreja de S. Roque sez celebrar*  
O CONDE DA ERICEIRA

D. FRANCISCO XAVIER  
DE MENEZES

*Em 17. de Dezembro de 1697.*

DISSE - A

O P. D. MANOEL CAETANO  
DE SOUSA,

*Clerigo Regular, hoje do Conselho de S. Magestade, Pro-Com-  
missario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e  
Censor da Academia Real;*

Mandada imprimir por ordem de S. Magestade.

*Vay no fim huma Relação daquelle Aço.*



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,  
Impressor da Academia Real.

---

Anno M. DCC. XXX.  
*Com todas as licenças necessarias.*

ORACA

FUNEBRE

NAS EXEQVIAS

DO REVERENDISSIMO PADRE

ANTONIO VIEIRA

DO CONDE DA BARRIGUA

O CONDE DA BARRIGUA

D. FRANCISCO XAVIER

DE MENDES

Em 17 de Março de 1899

DISSERTE

O R. D. MANOEL CASTANO

DE SOUSA

Em 17 de Março de 1899

Em 17 de Março de 1899

Em 17 de Março de 1899

1899

LISBOA OCCIDENTAL

Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SILVA

Impressor da Academia Real

Em 17 de Março de 1899



# L I C E N C I A S.

DO SANTO OFFICIO.

*Censura do Reverendissimo P. Fr. Antonio da Expeçtação da  
Ordem dos Menores, Lente Jubilado na Sagrada Theologia,  
Ex-Diffinidor da Provincia de Portugal, Qualificador  
do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Mi-  
litares, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**P**OR mandado de V. Eminencia vi a Oração Func-  
bre que nas Exequias do R. P. Antonio Vieira disse o  
Reverendissimo P. D. Manoel Cactano de Sousa; e bastava  
o nome deste preclarissimo Author, para a deixar quali-  
ficada; porque sendo o fim porque se mandaõ rever. as  
obras, que se haõ de dar às estampas, ou porque em sua  
prava lição não possaõ depravar os costumes, ou porque  
com falsos dogmas não possaõ corromper os preceitos da  
nossa Religião; estaõ estes dous temores tão justamente  
evitados nas regras; com que o Orador discorre nesta  
Oração Funcbre, que qual Seneca Portúguez excedendo  
ao Hespanhol; prática em todos os seus escritos o que  
aquelle dictava em seus preceitos: *Quidquid, dizia Seneca, legeris ad mores statim referes.* Senec. ad Lucil.  
Epist. 109.

Prégador Apostolico, e Mestre das Gentes, cha-

ma este grande Orador ao R. P. Vieira; e eu differa, que nesta accommodação, sem a transmigração, que falsamente praticou a perfidia, se podia dizer do Orador: *Nemo dat quod non habet*: porque revestindo-se dos attributos de Paulo, fez Prégador Apostolico, e Mestre ao seu predicado com tão justos fundamentos, e inalteraveis titulos, como allega a fama pelo R. P. Vieira adquirida, e agora pelo Reverendissimo Orador felizmente authorizada; e fica tanto mayor, quanto he mais alta a voz, que nesta Oração a sublime, e o conhecimento que a dilata; o que bem se deve inferir de hum Orador, que em todas as partes a que chegou, deixou a nação tão acreditada, e tão respeitado o seu nome, que ainda hoje em Roma, Milão, e outras Universidades a que chegou, se pergunta por aquelle Heroe scientifico, que entrando na Minerva como disse o P. D. Carlos Zucchi pelos titulos daquella Bibliotheca, com studiosa anathomia deu noticia das partes de que se compunhaõ, das materias que tratavaõ, e das melhores edições que tiveraõ todos aquelles numerosos corpos: causa, porque houve quem disse: *Caietanos ex Minerva oleum accepisse*.

I. ang. vers. Laus.

Tres felicidades descubro neste doutissimo Orador: a primeira para a nossa Lusitania; porque se Roma teve hum Cicero, e não vio outro; se Grecia teve hum Demosthenes, e não contou segundo; a nossa Lusitania para invejas de Grecia, e Roma teve dous Ciceros, e dous Demosthenes em o R. P. Vieira, e em o R. P. D. Manoel Caetanode Sousa, concorrendo ambos no seculo decimo setimo, e sobrevivendo o doutissimo Orador come studiosos progressos ainda por este seculo decimo oitavo. A segunda felicidade soy do R. P. Vieira em ter este Homero Portuguez para ponderar-lhe as acções da vida depois da morte; e se Alexandrê ouvira este doutissimo Orador na presente declamação que faz das virtudes do R. P. Vieira, exclamara com mais admiração da que exclamou no Sigeo, Promontoriõ da Asia, junto ao sepulchro de Achilles: O

fortun.

fortunate Adolescens; quod tua virtutis præconem Ho-  
 merum inveneris. A terceira felicidade foy do mefmo Re-  
 verendissimo Orador em achar materia tão vasta, e notoria,  
 que evitou toda a crítica de encarecido, e fofpeita de li-  
 fongeiro: maxima, que explicou Pindaro com o amigo  
 que lhe vendia por fineza, que em toda a parte prégava  
 os feus louvores, a quem respondeo, que os tinha bem fa-  
 tisfeitós, em fazer que fossem verdadeiros: *Cuidam com-  
 memoranti, quod ipsius laudes ubique prædicasset, respon-  
 dit, ego pro isto officio bonam repono gratiam, efficiens ut  
 verè prædices*: Sendo a razão desta maxima, porque  
 mais deve o que louva ao louvado, do que o louvado ao  
 que louva: *Plus debent iis quos laudant, quam ipsi debent,  
 qui laudantur.*

Erafm. lib. 6. in  
 Apoph.

O que fupposto, tenho dito o meu sentimento, e me  
 parece dignissima a Oraçãõ mencionada de fe dar à Im-  
 prenta, para que os que a lerem, aprendãõ a merecer ou-  
 tra, como mereceo o R. P. Vieira, fe tiverem outro Re-  
 verendissimo D. Manoel Caetano de Soufa para pregoeiro  
 da fua fama poftuma. S. Francisco da Cidade de Lis-  
 boa Occidental em 7. de Janeiro de 1730.

*Fr. Antonio da Expedaçãõ.*

Q uanto aos additamentos de Epigrammas, Emble-  
 mas, e Difticos, cõm que o Excellentissimo  
 Conde da Ericeira decorou o funefto Busto do  
 R. P. Vieira, sendo partos daquelle heroico talento, e Ca-  
 tholico zelo, naõ podiaõ contrahir algum impedimen-  
 to, para naõ entrarem no numero das qualificadas me-  
 morias, que em eftampas, e efcritos deixa para a pofteri-  
 dade; e fe os Gregos fe jaclavaõ, que o feu Paiz era o  
 mais favorecido dos influentes Afros para a fertilidade  
 dos engenhos, como obfervou Plataõ entre os feus Placi-  
 tos, e obfervações: *Quo argumento in Græcia tractu in  
 adipif-*

Lang. verf. Mores,  
 fol. 842.

adipiscendis disciplinis videri aptiores multo, quam alicubi homines; converta. já a fama Grecia em luto a sua cithara, e a sua vaidade em inveja da nossa Lusitania, que tô nesta funebre conjunctura se acha com tres Heroes; hum que lamenta defunto, tendo sido do pulpito a todo o Mundo Oraculo, e os dous, a quem a fama guarda nos seus volumes, para os proclamar pelo discurso dos seculos sem exceiçãõ, maiores. *Ubi supra* 8. de Janeiro de 1730.

*Fr. Antonio da Expeçtaçãõ.*

*Censura do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Henrique de Santo Antonio, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Geral da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita, e Confessor da Bulla da Santa Cruzada.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**C**Om summo gosto, e igual veneraçãõ li por ordem de V. Eminencia esta Oraçãõ Funebre, que disse o doutissimo, e Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, singular esplendor da sagrada Religiaõ da Divina Providencia, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commisario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real, nas solemnissimas, e memoraveis Exequias do muitas vezes grande Padre Vieira, nome sempre saudoso para o nosso Portugal, sempre illustre para a esclarecida Companhia de JESUS, e sempre admirado, e admiravel para o Mundo todo. Taõ estrondoso, e universal foy o brado, que nelle deu este prodigioso Varaõ, que sobrando o seu ecco para o encher de suspensões, me parecia, que bastava a falta  
deste

deste para lhe causar a mais sensível dor; porque os He-  
roes assim como não tem mais eloquentes Panegyristas,  
do que as mesmas acções, que obraõ na vida; tambem  
não podem ter mais primorosos Oradores; do que as la-  
grimas, que causão depois da morte; na deste memoria;  
vel Padre experimentou Portugal, a Cabeça do Mundo;  
e as mayores partes delle a irreparavel perda daquelle  
precioso, e copiosissimo thesouro de todas as virtudes,  
sciencias, notícias, e rarissimas agudezas, que podendo  
divididas engrandecer a muitos homens, só ellas terãõ  
louvor cabal de si mesmas; e por isso nas suas últimas  
honras parece não podia ser digno Orador mais, que  
ou a sua faudosa memoria, ou o nosso eterno sentimento.

Porém este grande impossivel soube felizmente ven-  
cer o dignissimo Author da presente Oraçãõ; porque  
nella admiro, que ao seu inacessivel objecto he igual a  
sua elevadissima comprehensãõ, mostrando na maravi-  
lhosa escolhá do seu thema, que parece lho dictou se-  
gunda vez o Espirito Santo para persuadir o Mundo,  
que se o grande Doutor das Gentes, dando ao eximio  
Vieira a semelhança, lhe tirou a primazia, que tambem  
este lhe roubou a singularidade; porque foy hum inimi-  
tavel exemplar de Prégadores, hum emulo prodigioso  
de Apostolos, hum espelho purissimo de Missionarios,  
e hum universal Mestre não só das Gentes, mas dos  
mayores Mestres do Mundo: tudo isto nos persuadio  
este profundissimo Orador com tanta, e tal eloquen-  
cia, efficacia, energia, e affluencia de escrituras, tão  
genuinamente entendidas, como applicadas, e explica-  
das, que ao mesmo tempo que nos excitou as lagri-  
mas para chorarmos ao insigne Padre Vieira desfeito  
nas suas cinzas, nos enxugá para o vermos renasci-  
do na sua Oraçãõ, a qual ee m grande propriedade mos-  
tra, que he resurreiçãõ; porque não sem mysterio sa-  
he a luz, depois de estar sepultada no silencio das nossas  
admiraçoens o largo espaço de trinta e tres annos, para  
que

D. Paul. ad Ephes.  
cap. 4. vers. 13.

que nella resuscite o esclarecido Padre Vieira com todas as qualidades de Varão perfeito, semelhante à idade completa de Christo; podendo o Author ter a gloria, que a hum Varão em tudo tão consummado, como o grande Vieira, lhe accrescenta esta ao cumulo de todas as suas perfeições: é como esta elegantissima Oração não contém apice, que desdiga da pureza da nossa Santa Fé, e bons costumes, a julgo dignissima da estampa. Lisboa Occidental no Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita 8. de Fevereiro de 1730.

*Frey Henrique de Santo Antonio.*

**V**istas as informações, pôde-se imprimir o Sermão de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 14. de Fevereiro de 1730.

*Fr. R. Alencastre. Cunha. Teixeira. Sylva.  
Cabedo. Soares.*

## Do Ordinario.

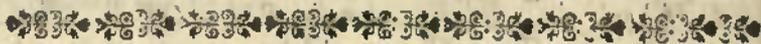
*Censura do Reverendissimo Padre Mestre Antonio dos Reys, da Congregação do Oratorio, Lente da Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, Consultor da Bulla da Cruzada, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, e Historiador do Reyno na lingua Latina.*

**V**I a Oração Funebre, que nas Exequias do P. Antonio Vieira da Companhia de JESU disse o Reverendissimo P. D. Manoel Cactano de Sousa, Clerigo Regular, do Conselho de S. Magestade, Pro-Commiffario Geral Apostolico da Bulla da Santa Cruzada, e Censor da Academia Real, e me pareceo, quando a lia, que estava vendo prégar de si ao mesmo Padre Vieira. E nisto tenho dito a V. S. o juizo, que faço desta obra, assim pelo que toca à pureza da doutrina, como pelo que respeita à elegancia, erudição, suavidade, e acerto, com que está escrita. Lisboa, e Congregação do Oratorio 25. de Fevereiro de 1730.

*Antonio dos Reys.*

Vista a informação, pôde-se imprimir o Sermão de  
que se trata, e depois de impresso tornará para  
se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occi-  
dental 27. de Fevereiro de 1730.

Gouvea.



## Do Paço.

*Censura do Senhor Joseph da Cunha Brôchado do Con-  
selho de S. Magestade, Fidalgo da sua Casa, Conselhei-  
ro da sua Real Fazenda, Chanceller das Ordens Mili-  
tares, Deputado da Junta da Fazenda, e Estado da  
Rainha nossa Senhora, Censor da Academia Real da  
Historia Portugueza, Enviado Extraordinario que  
foy nas Cortes de Londres, e de Paris, Primeiro Ple-  
nipotenciario na Corte de Madrid para o ajuste dos  
casamentos do Principe nosso Senhor, e da Senhora  
Princeza das Asturias.*

S E N H O R.

**E**ste Sermão, que pertende imprimir Joseph Anto-  
nio da Sylva, he tão elevado pelo estylo, quanto  
he douto, e merecido pela materia: repete com a lem-  
brança

brança à faldade, e torna a expor a nossos olhos aquelle funebre apparatus, aquella religiosa acção, em que a eloquencia viva rendeo as ultimas honras à eloquencia morta: grandes dous objectos em a mais lamentavel recordação, a mortalha, e a sobrepelliz; huma emmudecida, outra animada; em huma cuberto o Prégador, cedeo o pulpito à eloquencia do Orador manifesto, em outra revestiose o Prégador eloquente do espirito do Orador emmudecido. Se o Reverendissimo Padre Antonio Vieira fora tão ambicioso, como era modesto, e penitente, e previra, que em suas Exequias se ouviria huma Oração tão cheya d'elle mesmo, poderia ter tédio à vida, para reviver com segurança immortalidade pela voz do Panegyrista; porém aquelle Portento de Varões Apostolicos, como este não menos Apostolico Exemplar da Providencia, de quem he filho, não cultivou, nem cultiva a virtude pelo louvor, e pela estimação, mas pelo preccito, e pelo objecto.

De tudo se segue, que neste admiravel Sermaõ não ha, nem póde haver pensamento, em que o serviço, e as Leys de V. Magestade se offendessem, porque seu Author, grande Ministro da Missão Apostolica, e depositario da palavra do Senhor, sabe pela mesma palavra o que se deve a Cesar, e o que se deve a Deos, por quem V. Magestade impéra, e por quem seus Ministros, e Legisladores neste primeiro Tribunal da Justiça lhe consultão as Leys mais justas, e as resoluções mais convenientes, para que a palavra dos Prégadores se ouça com respeito Catholico, e se profira com liberdade Evangelica. Este he o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Oriental 4. de Março de 1730.

Joseph da Cunha Brochado.

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tomará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 6. de Março de 1730.

*Pereira. Teixeira. Bonicho.*

*Censura do Excellentissimo Senhor D. Francisco de Portugal, segundo Marquez de Valença, oitavo Conde do Vimioso, do Conselho de S. Magestade, e Marquez sobrinho, Academico da Academia Real da Historia Portugueza.*

**L**I, Excellentissimos Senhores, a Oração Funebre; que recitou nas Exequias do Padre Antonio Vieira o Reverendissimo Padre D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, não para examinar, mas para aprender, não para que Vossas Excellencias se governassem pelo meu arbitrio, mas para eu satisfazer ao preccito que me impuzeraõ, não para que o meu parecer recommendasse obra tão excellente, mas para que a excellencia desta obra me acreditasse na posteridade, vendo ella que eu lhe fiz não a Censura, mas a approvaçãõ; não para inculcar o meu entendimento, mas para exercitar a minha memoria, repetindo fielmente o que ouvi quando se fez este Elogio, a que eu assisti, e em que fuy testemunha, senão parte pelo meu pouco talento dos grandes applausos, e acclamações da nossa Corte, a qual estava dividida em facções judiciosas, se este Sermão excedia, ou igualava o que se pregou nas Exequias da Senhora D. Maria de Ataide, mas sempre concordando em que já tinha o Grande Vieira substituto na sua eloquencia. Se isto se discorria então com as lagrimas

grimas nos olhos à vista do seu Tumulo quando os af-  
fectos por incapazes de consolação, e conforto, não  
só estavaõ incredulos da semelhança, mas desesperados  
da imitação, que se dirà hoje com tantos annos em  
meyo, para que as paixões estejaõ tão desfeitas como o  
cadaver, e tão frias como as cinzas deste Orador Euan-  
gelico. Que se dirà hoje quando està tão viva, ou tão  
immortal a memoria do nome do Author nas varias, e  
doutas composições com que tem illustrado a huns pela  
doutrina, e cegado a outros pela enveja para que não  
perturbe alguma preoccupação dos discursos a liberda-  
de do juizo! Com o que entãõ fizeraõ os melhores,  
quanto mais lastimados engenhos daquelle tempo, se  
conforma o meu nesta occasião, persuadido a que tu-  
do o que digo nelle he mais com ingenuidade, que  
com respeito à gloria da Patria, e da Academia Real,  
e que só he lisonja as virtudes do Author o que passo  
em silencio do seu merecimento, não fingindo em mim  
a intima amisade que lhe professo, o que fingio em Pli-  
nio a discreta adulação para com Trajano, isto he, o re-  
mor de elle me não julgar moderado, senãõ excessivo  
nos seus louvores. Lisboa Occidental 10. de Janeiro  
de 1730.

*Marquez de Valença.*

LICEN-



# L I C E N Ç A

## Da Academia Real.

O Director, e Censores da Academia Real da Historia Portugueza daõ licença ao P. D. Máoel Caetano de Sousa para usar do Titulo de Academico no Sermaõ Funebre, que prégou nas Exequias do Padre Antonio Vieira, vista a Approvaçã do Academico a que se commetto o seu exame. Lisboa Occidental 23. de Fevereiro de 1730.

- |                             |                                   |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| O Conde da Ericeira.        | O Marquez de Abrantes.            |
| Joseph da Cunha Brochado.   | O Marquez de Alegrete.            |
| D. Manoel Caetano de Sousa. | O Marquez Manoel Telles da Sylva. |





# ERRATAS.

<i>Pagina.</i>	<i>Regra.</i>	<i>Erro.</i>	<i>Emenda.</i>
3.	7.	facer	fazer
4.	28.	fecundo	facundo
13.	21.	ille <i>facundia</i>	ille qui <i>facundia</i>
29.	16.	<i>tibi sint</i>	<i>sint tibi</i>
	26.	<i>neque</i>	<i>neque</i>
	27.	<i>neque</i>	<i>neque</i>
39.	8.	<i>sympatia</i>	<i>sympathia</i>
	16.	se conta	se contaõ
	25.	da Doutrina	de doutrina
41.	1.	he a Igreja	he a da Igreja
44.	8.	<i>convertio</i>	<i>conversio</i>
49.	4.	se lea	se lia
	26.	guiando-as	guiando-os
50.	2.	que faz	que fez
	19.	ensinando	insinuando
54.	23.	F porque	E porque
55.	3.	às suas, em	às suas veneraveis memorias, em

## *Nas margens.*

14.	28.	da ...	da 1. part.
37.	27.	lib... cap...	lib. 4. cap. 16.

# E R R A T A S.

Pagina.	Erro.	Emenda.
27.	de ...	de ...
28.	de ...	de ...
29.	de ...	de ...
30.	de ...	de ...
31.	de ...	de ...
32.	de ...	de ...
33.	de ...	de ...
34.	de ...	de ...
35.	de ...	de ...
36.	de ...	de ...
37.	de ...	de ...
38.	de ...	de ...
39.	de ...	de ...
40.	de ...	de ...
41.	de ...	de ...
42.	de ...	de ...
43.	de ...	de ...
44.	de ...	de ...
45.	de ...	de ...
46.	de ...	de ...
47.	de ...	de ...
48.	de ...	de ...
49.	de ...	de ...
50.	de ...	de ...
51.	de ...	de ...
52.	de ...	de ...
53.	de ...	de ...
54.	de ...	de ...
55.	de ...	de ...
56.	de ...	de ...
57.	de ...	de ...
58.	de ...	de ...
59.	de ...	de ...
60.	de ...	de ...
61.	de ...	de ...
62.	de ...	de ...
63.	de ...	de ...
64.	de ...	de ...
65.	de ...	de ...
66.	de ...	de ...
67.	de ...	de ...
68.	de ...	de ...
69.	de ...	de ...
70.	de ...	de ...
71.	de ...	de ...
72.	de ...	de ...
73.	de ...	de ...
74.	de ...	de ...
75.	de ...	de ...
76.	de ...	de ...
77.	de ...	de ...
78.	de ...	de ...
79.	de ...	de ...
80.	de ...	de ...
81.	de ...	de ...
82.	de ...	de ...
83.	de ...	de ...
84.	de ...	de ...
85.	de ...	de ...
86.	de ...	de ...
87.	de ...	de ...
88.	de ...	de ...
89.	de ...	de ...
90.	de ...	de ...
91.	de ...	de ...
92.	de ...	de ...
93.	de ...	de ...
94.	de ...	de ...
95.	de ...	de ...
96.	de ...	de ...
97.	de ...	de ...
98.	de ...	de ...
99.	de ...	de ...
100.	de ...	de ...

## Nos marginas.

de ...	de ...	de ...
de ...	de ...	de ...



*Positus sum ego Prædicator, & Apostolus,  
& Magister Gentium, ob quam cau-  
sam etiam hæc patior, sed non  
confundor.*

2. Timoth. I. II.



Emudeceo finalmente aquella eloquentissima voz, que sempre serà facunda occupaçaõ dos brados da fama. Aquella voz Euangelica, que foy a jactancia deste Reyno; e a enveja da Cabeça do Mundo.

Aquella voz tão grande, que não cabendo nas vastas Provincias de Europa; se dilatou pelas immensas regioens da America; da qual foraõ reverentes eccos os applausos de Africa, e Asia. Emmudeceo em fim aquella voz divinamente poderosa, que em toda a parte aonde se ouvio, trouxe em seu seguimento os Povos, arrebatou os Principes, suspendeo os Monarchas, assombrou a todos. Mas

A

que

que inutilmente pertendi eu ou esconder, ou differir com estes artificiosos rodeyos a funesta noticia, que já magôa os vossos animos, pois das mi-nhas mesmas palavras tendes entendido to dos, que he morto o famoso, o grande, o admiravel P. ANTONIO VIEIRA! que he morto aquelle esclarecido Varaõ, em quem o Reyno de Portugal deu hum incomparavel Pregador, em quem a Illustriſſima Religião da Companhia de Jesus produzio hum insigne Apostolo, em quem a Gentilidade do Maranhão teve hum incançavel Missionario: gloriosos titulos com que merece, que às suas veneraveis memórias se consagrem hoje todas estas funeraes magnificencias. Esclarecida, e piedosa acção de hum Excellentissimo Heroe, em cujo peito o zelo da Patria, e o amor das virtudes tem ateado tão grande incendio, que das suas illustres chamas se accenderão estas luzes, e dos seus generosos fumos se escurerão esses marmores. Grande assumpto! Empenhõ formidavel! não só para mim, mas para os mesmos Principes da eloquencia, e perdoem-me as veneradas Cinzas, que esconde esse Mausoleo, se he culpa o entender, que para prégar do P. Antonio Vieira, elle mesmo não bastava. Bem quizera eu poder livrar-me deste arduo empenho, mas que haõ de fazer contra as poderosas violencias de hum preceito as justas desconfianças do conhecimento proprio? Que arbitrio hey de seguir

seguir, aonde o silencio, e. o discurso estaõ igualmente receosos? Em fim sirva a reputação arrastada de fazer mayor o triunfo da obediencia, e digase embora, que naufragou o entendimento em hum mar de erros, mas não se possa dizer, que a vontade deixou de observar o elevado norte daquelle preceito; que achada a arte de facer bizarros os defacertos, fica desculpada qualquer temeridade. Quanto mais, que póde ser accão temeraria; a que he regulada pelas virtudes da obediencia, e da justiça. E esta Oração Funebre tambem he acto de justiça, não só de obediencia; que o fazer Panegyricos aos Varoens illustres, principalmente na Oratoria, não só he obsequio, mas tambem divide; segundo a Theologia de S. Gregorio Nazianzeno em hum caso bem semelhante ao nosso, isto he, nas Exequias de S. Basilio Magno: *Debetur quippe ut siquid aliud, cum cetera egregiis, tum in dicendo copiosis oratio.* Reparay naquelle *debetur*, que indica obrigação de justiça; e assim o faltar a esta Oração Funebre seria injustiça, não só de obediencia: *debetur oratio.*

Gregor. Naz. orat.  
in fun. Basilii.

A razão porque he acto de justiça este funeral Panegyrico, he porque se faz acrédor delle o mesmo objecto, que o difficulta, que he aquelle Varão esclarecido, que à imitação de S. Paulo foy hum Pregador tão eloquente; hum Apostolo tão insigne, hum Missionario tão incançavel, que podendo di-

zer com elle mesmo nas palavras, que tomey por thema: *Positus sum ego Praedicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam etiam haec patior, sed non confundor*, tão semelhante se lhe mostrou em tudo, que se a Fé mo não impedira, havia de dizer, que a alma de S. Paulo se transmigrara para este primeiro homem do nosso seculo: e por ventura o persuadiria com razoens mais apparentes, que as de quem erradamente entendo, que a alma do primeiro homem se transmigrara para S. Paulo: e he tão grande a semelhança, que entre ambos observo, que passando além das rayas da vida, ainda se deixou ver na morte; porque se na morte de S. Paulo, como escreve o Cardeal Baronio, manarão tres fontes perennes, na morte, que agora sentimos, brotarão outras tres fontes, que também haõ de ser perennes; mas com esta differença, que se as tres fontes, que nascerão na morte de S. Paulo, são de agua, as tres fontes, que arrebentaráõ na morte deste insigne Varaõ, são fontes de lagrimas, que assim chama o grande Cardeal Bellarmino aos motivos do sentimento: *Nunc de materiã; ex qua nascuntur, sive de fontibus, unde profluunt lachrymae*. Viram-se nesta morte tres fontes de lagrimas, porque nellas se acharão tres motivos de sentimento; a primeira fonte de tão bem merecidas lagrimas, ou o primeiro motivo de sentimento, he o eterno silencio do Pregador mais fecundo;

Vide Alapide in I. Timoth. 1. 3. de hoc errore loquentem.

Baronius ad annum Christi 69. n. 13.

Bellarmin. de Gemitu Columbæ. 2. cap. 1.

cundo; a segunda he o perpetuo sepulchro do Apóstolo mais exemplar; a terceira he a irremediavel ausencia do Missionario mais fervoroso. A primeira fonte inunda a Monarchia, a segunda a Religião, a terceira a Gentilidade. Todas estas fontes de lagrimas se achão no nosso thema, porque se nelle vê a Monarchia o exemplar dos Prégadores *Positus sum ego Prædicator.*, a Religião o retrato dos Apóstolos, & *Apostolus*, a Gentilidade a ideá dos Missionarios & *Magister Gentium*: tambem alli achão a Monarchia, a Religião, e a Gentilidade, o silencio desse Prégador, o sepulchro desse Apóstolo, a ausencia desse Missionario, que tudo insinuaõ aquellas palavras: *Ob quam causam etiam hæc patior*; mas tambem alli descobrimos nõs, que destas tres fontes de lagrimas se forma para o chorado Heroe hum mar de glorias, hum Oceano de luzes: *Sed non confundor; sed magis glorior*, commenta Nicolao de Lyra, que naõ só na morte de S. Paulo se observaõ luzes. Comecemos a ver o justificado destas lagrimas, e o bem merecido destas luzes.

Lyra. hic,

## PRIMEIRA PARTE

*Positus sum ego Prædicator.*

**O**H com quanta razão chora a nossa Monarchia o eterno silencio do Prêgador mais eloquente ! Pois que aquellas mesmas efficazes razões, com que elle, quando estava vivo, persuadia a tantos, e tão varios affectos, todas depois d'elle morto, se unirão a persuadir hum unico affecto, que he a dor de ter perdido não só a elle, senão tambem as esperanças de ver outro semelhante; porque o Mundo he tão esteril de Oradores insignes; que nenhuma terra se póde nunca jactar de ter produzido dous. O grande Orador de Grecia foy Demosthenes; este morreo ha mais de dous mil annos, e em todos elles não vio Grecia outro Demosthenes. O grande Orador de Roma foy Cicero; ha mais de mil e setecentos annos que morreo, e em todos elles não vio Roma outro Cicero. O mayor Orador de Hespanha, antes o mayor do Mundo, foy o P. Antonio Vieira, este vemos agora sepultado; e quando ha de ver outro o Mundo? Mas não pareça a alguem, que eu comparo a Cicero, ou Demosthenes o nosso grande Orador, pois isso não seria louvallo, seria offendello, porque

Vide Sallianum ad  
annum Mundi  
3732. n. 15. &  
ad annum 4011.  
n. 54.

que elle não se pôde comparar com ninguem ; se-  
 não , ou com siigo ; ou com S. Paulo , com quem diz :  
*Positus sum ego Prædicator*. E com muita razão ,  
 porque foy este grande Prêgador semelhante a S.  
 Paulo , não só no modo com que exercitou o mi-  
 nisterio , como todos sabem ; senão tambem no  
 modo em que foy instituido , e no em que foy ce-  
 lebrado. Não só foy semelhante no que como Prê-  
 gador fez : *Prædicator* ; senão tambem na circum-  
 stancia com que foy feito Prêgador : *Positus sum ego*.  
 Foy este grande Padre feito Prêgador por hum  
 modo tão singular , como pouco sabido ; sendo mo-  
 ço ; tinha desejos de se empregar fructuosamente  
 no ministerio do pulpito ; mas sentia para elle hu-  
 ma difficuldade tão grande , como se tivera no en-  
 tendimento huma nuvem ; ( são palavras suas ) fez  
 Oração à Virgem Senhora Nossa , e de repente sen-  
 tio , com circumstancias bem notaveis , huma luz ex-  
 traordinaria , pela qual alcançou huma admiravel  
 comprehensão de tudo o que lia , e teve dalli pot-  
 diante huma tenacissima , e estupenda memoria. E  
 bem se vio , que era Prêgador feito pela Virgem  
 Sacratissima no primeiro Sermaõ , que prêgou em  
 publico , não sendo ainda Sacerdote ; o qual he em  
 louvor da Augustissima Rainha dos Anjos , e o quar-  
 to decimo entre os do Rosario ; tão discreto , e  
 douto , que não se grangea menor applauso ; que  
 os que prêgou quando tinha muitos annos daquelle  
 exer-

exercício. Mas assim devia succeder a hum Prêgador, que começava a ser o retrato de S. Paulo. Confirmamos este retrato com o seu original, e conheceremos a semelhança.

- Act. 9. 25. Havendo S. Paulo de ser instituido Prêgador dos Povos, e dos Reys: *Ut portet nomen meum coram gentibus, & regibus*, diz o texto, que tinha tal nevoa nos olhos, que tendo-os abertos, não via: *Apertisque oculis, nihil videbat*: vede a proporção entre esta nevoa, e aquella nuvem. Diz, que se poz em Oração: *Ecce enim orat*; e que à Oração se seguiu o versê livre daquella nuvem, que lhe impedia a vista: *Visum recepit*. Aqui temos semelhança entre Oração, e Oração, luz, e luz. A esta luz se seguirão os primeiros Sermoens de S. Paulo: *Continuò in Synagogis predicabat*; aos primeiros Sermoens o assombro de todos: *Stupebant autem omnes qui audiebant*. Vede, que correspondencia ha entre os primeiros Sermoens de S. Paulo, e o primeiro do nosso Prêgador; e como este primeiro Sermao, à imitação daquelles Sermoens tambem primeiros, foy causa do pasmo universal: *Stupebant autem omnes qui audiebant*. E he de notar, que tambem S. Paulo ainda não era Sacerdote, quando prêgou aquelles primeiros Sermoens, que colherão as primicias do assombro; assim como o nosso Prêgador não tinha ainda o Sacerdocio, quando prêgou aquelle primeiro, e assombroso Sermao. Até nos

themas dos primeiros Sermoens forão estes dous Prêgadores muito parecidos. O thema de S. Paulo refere S. Lucas: *Prædicabat Jesum, quoniam hic est filius Dei.* O thema do primeiro Sermão do nosso Prêgador escreve S. Mattheus: *Maria de qua natus est Jesus.* Matth. 1. 16. Com que ambos estes grandes Prêgadores trataraõ nos seus primeiros Sermoens da filiação de Christo. S. Paulo da filiação eterna, o nosso Prêgador da temporal; mas assim hum, como o outro, ambos principiaraõ o exercicio da prêgação por Panegyricos de Maria Santissima, porque não seria grande a gloria da Virgem Mãy, se seu Filho não fosse Filho de Deos, ou o Filho de Deos não fosse Filho da Senhora, e assim ambos louvaraõ a Sacratissima Mãy. S. Paulo louvou-a, porque disse, que Jesus, conhecido por Filho de Maria, era Filho de Deos: *Prædicabat Jesum, quoniam hic est filius Dei;* e louvou-a o nosso Prêgador, dizendo, que aquelle mesmo Senhor, que era adorado por Filho de Deos, era Filho de Maria: *Maria de qua natus est Jesus.* Sõ houve entre hum, e outro Prêgador esta differença, que S. Paulo fallou primeiro em Jesus: *Prædicabat Jesum,* e o nosso Prêgador fallou primeiro em Maria; mas ambos tiveraõ razão, e não diversa, senão a mesma; porque S. Paulo fallou primeiro em Jesus; porque teve a luz por ter fallado ao Senhor: *Domine, quid me vis facere?* o nosso Prêgador fallou primeiro em Maria, porque teve a

luz por ter fallado na Oração à Senhora; e por esta perfeita imitação de S. Paulo: pôde dizer com elle: *Positus sum ego Prædicator.*; e foy já na primeira idade de objecto das admiraçoens de todos: *Stupebant autem omnes.*

No progresso dos annos crescerão tanto estas admiraçoens em todos, assim no vulgo, como nos sabios, que huns, e outros o admirarão como a hum S. Paulo no pulpito. Quanta estimação logrou entre os Povos, não he necessario que o diga eu, perguntay-o aos sagrados marmores dos mayores Templos, que ainda estão restituindo em repetidos eccos as clamorosas vozes dos seus applausos. Nunca prégou em Basilica tão grande, e espaçosa, que o seu numerosissimo auditorio a não accusasse de estreita. Era fermoso espectáculo qualquer Templo, em que prégava este grande Orador; ainda não era manhã, e já nelle não havia lugar, por mais que os multiplicasse a cuidadosa ancia de o ouvir; nem havia posto tão desaccommodado, ou perigoso, que se não temesse menos, que o ficar excluído, querendo os homens expor-se mais de pressa ao risco de perder a propria vida, que huma palavra sua. Todas se ouviaõ com hum reverente, e profundo silencio, salvo quando se interrompiaõ as vozes do Prégador com as das acclamaçoens, que de dentro, e de fóra da Igreja o celebravaõ como repetidas em dous coros. Louvavaõ as admiraçoens dos

de

de dentro o que ouviaõ, e as impaciências dos que por ficar fóra não ouviaõ, tambem louvavaõ. O mesmo que nas Igrejas, succedia pelas ruas, e pelas praças, todas à vista do concurso, que seguia ao nosso Orador, se reconheciam estreitas. Quantas vezes faltava terra para os passos, e se via, que a sua mesma multidão levava aos homens pelos ares, a donde hiaõ a encontrar-se com as suas mesmas vozes, que lá junto com as da fama andavaõ celebrando aquella palmosa eloquencia; ou para melhor dizer, os mesmos corpos, aos quaes a multidão não deixava tocar a terra, se transformavaõ em vozes, que sobiaõ a elevar ao Ceo este novo Paulo, dandolhe a mayor prova da estimação dos Povos, que he o numerozo do sequito.

Quer o Chronista sagrado explicar o alto conceito, que o Povo de Antiochia da Pisidia fazia dos Sermoens de S. Paulo, e diz, que quasi toda a Cidade se abalou para ouvillo: *Pene universa Civitas convenit audire verbum Dei. Commota est*, diz a versão Syriaca; como senão tivera o Espirito Santo outro mais efficaz testemunho para provar a estimação, que de S. Paulo fazia aquelle Povo. Logo se o abalar-se Antiochia para ouvillo, he argumento do muito, que aquelle Povo estimava a S. Paulo; grande prova temos do muito, que estimavaõ ao nosso Pregador os Povos, porque para o ouvir, se abalavaõ as Cidades: *Universa Civitas commota est.*

Aët. 17. 44. Versão Syriaca apud Novarin. híc.

E ainda que S. Paulo leva ao nosso Orador aquella soberana ventagem, que os Catholicos somos obrigados a confessar, com tudo observei notáveis diferenças no sequito de hum, e outro Prêgador; donde chego a persuadir-me, que assim como Christo quiz, que os seus Discipulos fizessẽem maiores milagres que elle: *Opera, quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora horum faciet*; assim S. Paulo, grande imitador de Christo, quiz, que este seu grande discipulo tivesse sequito, que em algumas circumstancias parecesse aventajado ao seu, porque para ouvir a S. Paulo, abalouse Antiochia; para ouvir ao nosso Prêgador, abalouse Roma, e Lisboa, deixadas outrãs Cidades de menos nome. Para ouvir a S. Paulo, abalouse aquella Cidade huma só vez; para ouvir ao nosso Prêgador, abalaram-se as Cidades não só huma vez, mas todas as que elle prêgou nellas, que forão sem numero. Parecerã, que posso eu accrescentar, que os que concorriaõ a ouvir S. Paulo, não só hiaõ chamados pelo eloquente das suas palavras, mas tambem pelo milagroso das suas obras; e que o sequito do nosso Prêgador, sendo mais numerozo, só hia attrahido pela eloquencia, e não pelos milagres; mas não posso fazer esta differença, porque em cada Sermaõ deste grande Orador reconheço hum milagre, e assim podia elle dizer melhor que Eliu, aquelle eloquentissimo amigo do Santo Job, que era milagrosa a sua eloquencia:

Joann. 14. 12.

*Imitatores mei estote sicut & ego Christi.*

1. Cor. 11. 1.

cia: *Miraculum meum non te terreat, & eloquentia mea non sit tibi gravis.* Com o que, se Antiochia se abalava apoz os milagres, e eloquencia de S. Paulo, rambem Roma, e Lisboa se abalaraõ innumeraveis vezes, para ouvir os milagres da eloquencia deste maravilhoso Prégador, o qual fez, que parecesse profecia o discreto pensamento de hum Poeta; que o louvou na sua primeira infancia, (que tão antigo he o ser elle materia dos elogios) vendo, que o bautizavaõ em dia da Trasladação de Santo Antonio, e na mesma pia, em que o Santo foy bautizado, e que lhe punhaõ o seu glorioso nome, prognosticou ao recém nascido infante, que havia de ser hum Prégador muito parecido a Santo Antonio, e verificouse o vaticinio, quando as Cidades, e os Povos se abalavaõ para ouvir ao nosso Prégador, assim como antigamente o faziaõ para ouvir Santo Antonio, para que assim como se disse de Santo Antonio, se podesse dizer deste eloquentissimo Prégador:

*Hic ille facundia*

*Cives & urbes commovet.*

Nem podia deixar de ter auditorios semelhantes aos de Santo Antonio hum Prégador, que foy tão devoto deste Santo, como testemunhaõ mais especialmente os nove Sermoens com que o celebra nos seus livros; hum Prégador, que poz tanto estudo em imitallo, quanto mostra, entre outros, aquelle

Ex officio Ulyssip.  
Ecclesiae in festo S.  
Antonii in Hym-  
no ad Laudes.

P. Antonio Vieira  
tom. 2. serm. 11.

aquelle famoso Sermaõ prégado no Maranhão aos peixes, quando alli lhe succedeo com os homens o mesmo, que a Santo Antonio em Arimino. Conferi agora o que a Escriitura diz de S. Paulo, e o que se verificou do nosso Orador; conferi aquelle *Civitas commota est*, com este *Cives*, & *urbes commovet*. E se abalar-se hum vez Antiochia para ouvir a S. Paulo, foy argumento do muito que o estimava aquelle Povo; Lisboa, e Roma, tantas vezes abaladas, mostraõ, que veneraõ no nosso Orador segundo S. Paulo: *Positus sum ego Prædicator*.

O P. Manoel de Sousa da Congregação do Oratorio na Approvaçãõ da 5. parte.

O Illustrissimo Senhor D. Fr. Francisco de Lima Bispo de Pernambuco na Approvaçãõ da 7.

Este Prelado foy o Illustrissimo Senhor D. Luiz de Sousa Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas.

OP. Fr. Joaõ da Madre de Deos, depois Arcebispo da Bahia na Approvaçãõ da ...

Ao sequito dos Povos succedaõ õs encomios dos eruditos, dos quaes huns chamaraõ a este insigne Padre, o Principe da eloquencia sagrada, outros o Sol dos Prégadores, outros o Oraculo do pulpito, e finalmente hum Illustrissimo, e Dou-tissimo Prelado dizia ao nosso intento estas palavras: *Prégar como prégãõ os outros Prégadores non requirit totum hominem; porém prégar como préga o P. Antonio Vieira, requirit triplicatum hominem*; outras vezes dizia: *o P. Antonio Vieira he o primeiro Pregador*; e nomeando o segundo (que tambem era da Companhia de Jesus, e tambem tinha o nome de Antonio) accrescentava: *Mas entre o segundo, e o primeiro vay a distancia de toda a esfera*; e destas duas premissas tirava como conclusãõ: *Pré-gador; ou S. Paulo, ou Vieira*; tanta era a estimaçãõ, que fazia deste grande Orador.

Porém

Porẽm vejo, que me oppoem algum escripto-  
 lofo Douro: e que proporção tem com S. Paulo o  
 P. Antonio Vieira, se S. Paulo foy taõ grande Ora-  
 dor, que ouve occasião, em que o quizerão ado-  
 rar por Deos da eloquencia, offerecendolhe victi-  
 mas, e coroas? Respondo, que nisso mesmo està a  
 semelhança, e que essa, que parece improporção,  
 he a proporção mayor, porque aquelle seculo não  
 disse mais da eloquencia de S. Paulo, do que da do  
 P. Antonio Vieira disserão os nossos tempos. Mas  
 vamos ao caso do argumento. Quizerão (como es-  
 creve S. Lucas.) os moradores da Cidade de Listra  
 em Licaonia, mostrar a grande veneração, em  
 que tinhaõ à eloquencia de S. Paulo, e disserão,  
 que elle não era homem, senão mais que homem:  
 que era huma Divindade com semelhanças de hu-  
 mano: *Dii similes facti hominibus descenderunt ad nos;*  
 e não só que era huma Divindade, senão que era  
 o Deos da eloquencia: *Vocabant Barnabam Jovem,*  
*Paulum verò Mercurium, quoniam ipse erat Dux Ver-*  
*bi.* E não foy esta imaginação só dos Povos, o  
 mesmo entenderão os Sabios. Bem se vio no Sacer-  
 dote, que logo veyo com coroas, e sacrificios:  
*Sacerdos quoque Jovis, qui erat ante Civitatem, tau-*  
*ros, & coronas ante januas asserens cum populis vo-*  
*cabat sacrificare.* Já estais vendo, que quasi o mes-  
 mo que a S. Paulo em Asia, succedeo ao nosso Ora-  
 dor em Europa, e America; e creyo eu, que se-  
 ria

Act. 14. 10.

Ibidem 11.

Ibidem 12.

ria mayor a semelhança nos successos, se entre-  
huns, e outros ouvintes se não achasse tanta dif-  
ferença; que o não ser este grande homem adora-  
do por Deos da eloquencia, deve-se a ter elle pré-  
gado entre gente, ou tão cega, que não conhecia,  
que havia Deos, ou tão illustrada; que reconhe-  
cia, que não havia, nem podia haver mais que  
hum só Deos. Vamos conferindo os elogios de  
hum, e outro Orador. A S. Paulo chamaraõ Prin-  
cipe da eloquencia: *Ipse erat Dux Verbi*; ao P. An-  
tonio Vieira acclamaraõ Principe da eloquencia, e  
Rey de todos os Prégadores. A S. Paulo deraõ o  
nome de Mercurio, de baixo de cujo nome os An-  
tigos veneravaõ o Sol: *Paulum verò Mercurium*; ao  
nosso Orador deraõ o nome de Sol, porque lhe  
chamaraõ Sol racional, Sol dos Prégadores; a S.  
Paulo tiveraõ por Mercurio, o qual teve em Achaya  
Oraculo; e o nosso Orador he dos Doutos venerado  
por Oraculo do pulpito. A S. Paulo julgaraõ Mercu-  
rio, a quem os Antigos pintaraõ com tres cabeças;  
e dos Sermoens do nosso Orador se disse, que só  
os faria quem tivesse no entendimento triplicadas  
forças: *Requirit triplicatum hominem*. De S. Paulo  
crearaõ ser Mercurio, que por ter, ou segundo a  
superstiçaõ gentilica, ou segundo a imaginaçaõ Af-  
tronomica, o seu lugar no Ceo, fica tão superior  
aos homens quanto vay do Ceo à terra; e no P.  
Antonio Vieira reconheceo-se tanta ventagem,

Vide Macrobius  
lib. 1. Saturnalium  
cap. 19.

O Padre Manoel  
de Sousa loco cita-  
to.

Vide Pausaniam  
in Achnicis.

Del Rio in Ada-  
gialibus sacris part.  
2. §. 245. pag.  
275.

Chrartarius de  
Imaginibus Deo-  
rum titulo de  
Mercurio.

Aldus Manutius  
in Adagijs col.

1374. mihi tit.

*Triceps Mercuri-  
jni.*

ainda aos mayores homens, que se disse haver entre elle, e elles tanta distancia, como toda a vastidão da esféra. A' vista de tantas proporçoens entre S. Paulo, e o nosso insigne Prégador, já não parecerá grande hyperbole aquelle dito: *Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira.*

Nem faltaraõ a este nosso Prégador aquellas coroas, e aquellas victimas, que o Sacerdote de Litra quiz sacrificar a S. Paulo: *Taurus, & coronas ante januas afferens, cum populis volebat sacrificare;* porque as coroas lhe deraõ os que o acclamaraõ Rey de todos os Prégadores, e Salamaõ da prédica. Em Roma mereceo elle bem o titulo de Salamaõ, ainda quando lograva as semelhanças de David, despedindo as famosas cinco pedras contra a grande Cabeça do mayor Gigante; porque naquella Corte, qual novo Salamaõ, foy venerado objecto das admiraçoens daquella Sapiéntissima Rainha, que com grandes ventagens à de Sabbá, deixou o seu Reyno, e veyo a buscar em melhor Jerusaleem o exercicio da verdadeira Religiaõ; já sabem, que fallo da grande Christina Alexandra, Rainha de Suecia, a qual com as assistencias continuas, que fazia aos Sermoens do nosso Orador, lhe vinha a dizer o mesmo, que a Rainha de Sabbá a Salamaõ:

*Verus est sermo, quem audivi in terra mea super sermonibus tuis.* E porque o P. Antonio Vieira confe-  
guiu especialmente em Roma ter a coroa entre to-

O P. Domingos  
Leitão Preposito  
de S. Roque na  
Approvaçãõ do 7.  
tom. do P. Vieira.

Allude às cinco  
pedras de David;  
que o P. Vieira  
prégou em Roma  
em presença da  
Rainha de Suecia.

Tertio Regum  
10. 16.

Francisco Petrarca  
morreo em 18. de  
1374.

Gyraldus Hist.  
Deor. Synagm.  
17.

Pfal. 49. 14.

Osee 14. 3.

Vide del Rio in  
Adagiis parte 1.  
Adagio 27. &  
Lippomanum in  
Catena in Exo-  
dum cap. 3.

dos os Oradores, por isso (segundo parece) quiz Deos, que espirasse no mesmo dia, no qual trezentos e vinte e tres annos antes morrera o Orador mais famoso daquelle século, (que em algumas circumstancias foy ao nosso Orador muito parecido) e que mereceo ser em Roma coroado dentro dos triunfaes muros do Capitolio.

Naõ só teve o nosso Orador as coroas; tambem teve os sacrificios; porque estes lhe offerecem todos os que consagraõ as linguas aos seus louvores, que se para o fabuloso Mercurio foraõ sacrificio as linguas, até para o verdadeiro Deos (quanto mais para o nosso Orador) saõ os louvores victimas, como ensina a Divina Escritura: *Innola Deo sacrificium laudis*; e se os de Litra quizeraõ sacrificar a S. Paulo os touros: *Taurus, & coronas ante januas asferens, cum populis volebat sacrificare*; ao P. Antonio Vieira consagraõ todos em victimas as aclamaçoens, que he o que lá disse Ozeas: *Reddemus vitulos labiorum nostrorum*. Comparay agora aquellas duas palavras: *Taurus, & coronas* do sacrificio decretado a S. Paulo, e estas: *Reddemus vitulos labiorum nostrorum* do sacrificio offercido ao P. Antonio Vieira; e porque este sacrificio de louvores ha de ser perenne, por isso se declara por hum verbo de futuro *reddemus*; que por significar todos os tempos, (como observaõ os Expositores) exprime perpetuidades.

Mas se o P. Antonio Vieira ainda que puro homem, foy hum Prégador taõ Divino, que do modo que a Fé, e a Religiaõ o permitem, em quanto vivo mereceo perennes sacrificios de louvor, agora que já he morto, nos executa por perennes sacrificios de lagrimas. Se aquelles sacrificios lhe offerecerão sempre assim o vulgo, como os eruditos, tanto commummente os Povos, quanto singularmente os Sabios; o sacrificio das lagrimas deve-lho consagrar todo o Reyno, porque já he morto aquelle Prégador, cujos Sermoens foraõ milagres; aquelle Prégador, que só bastava para fazer solemniſſimas as Festas Sagradas, que era o credito das Quinas Portuguezas, aquelle Prégador, que à imitação dos Profetas antigos (que eraõ os Prégadores dos primeiros seculos) nós ajudava a estimar as felicidades presentes, que nos animava a esperar às futuras; que nos consolava nas nossas perdas, que nos fazia conhecidos, e estimados das Naçoens eſtrãhas; já agora, por falta de digno Orador, podiaõ cessar as solemnidades sacrosantas, pois já não veremos nellas aquelles milagres da eloquencia: já se podiaõ esconder de lastimadas as nossas Quinas, porque lhe falta aquelle Profeta Evangelico, que prégando nas occasioens de mayor angustia, nos consolava nas nossas desgraças, nos annunciava as nossas fortunas: aquelle Heroe esclarecido, que tanto fez conhecer a gloria Portu-

Vide Alvares in  
Isaiam cap. i. vers.  
10. & cap. 5. vers.  
1.

Consta dos seus  
Sermoens, dos  
quaes huns são  
Panegyricos, ou-  
tros Gratulatorios,  
outros Apologeti-  
cos, outros Politi-  
cos, outros Belli-  
cos, outros Nau-  
ticos, outros Funer-  
raes, outros total-  
mente Asceticos,  
como elle promet-  
teo no Prologo do  
1. tomo.

gueza entre todas as Naçoens do Mundo. Sem me não engano, já todas estas circumstancias do nosso sentimento se achão bem debuxadas no Psalmo setenta e tres.

Psal. 73. vers. 8.  
& 9.

*Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra, signa nostra non vidimus, jam non est Propheta, & nos non cognoscet amplius.* Texto maravilhoso para o nosso caso, porque aqui vemos suspensas as festividades Sagradas: *Quiescere faciamus omnes dies festos Dei à terra*; aqui achamos, que já desappareceraõ aquelles milagres da Oratoria: *Signa nostra non vidimus*; aqui observamos retiradas em final de sentimento as bandeiras das nossas Armas: *Signa nostra non vidimus: insignia nostra vexilla quondam nobis usitata*, commenta Genebrardo: e para que entendessemos por estas bandeiras as que gloriosamente tremolavaõ com as Divinas Chagas, com as Reas Quinas, explica Hugo Cardeal: *Signa nostra non videmus, stigmata Domini Jesu.* Tambem alli temos o grande motivo de todo este sentimento; porque diz o Texto, que já não vive o Prégador; que como todos sabem, isso quer tambem dizer a palavra Profeta: *Jam non est Propheta*; e conclue as lastimosas consequencias desta irreparavel perda dizendo, que com aquelle Prégador se sepultou a gloria, que tínhamos de ser por sua causa conhecidos no Universo: *Et nos non cognoscet amplius; ad eam infelicitatem redacti sumus, ut nemo amplius*

Genebrard. híc.

Hugo Cardinalis  
híc.

Vide Pinedam in  
Job in Præfatione  
cap. 9. n. 3. Alapide in Exodum  
cap. 7. vers. 1. &  
Lorinum in Act.  
Apostolorum cap.  
15. vers. 32.  
Geneb:ard. Ibid.

plius

plus nos sit agniturus, interpreta Gênebrardo: Vedes quam proprio he este Texto para explicar a perda de Portugal; cujas Armas são as cinco Quinas: *Signa nostra non vidimus; stigmata Domini Jesu* no eterno silencio deste seu grande Oraculo, pois ainda encerra mais alma este Texto.

Escreve Galatino, que o Profeta, cuja falta neste lugar se chora, era hum Varaõ, cuja figura oppunha ao candido dos cabellõs o negro dos vestidos: *Senex unus, nigris amictus*; hum Varaõ, que predisse, que a sua morte havia ser dentro de hum

Galatin. de Arcanis Catholicæ veritatis lib. 4. cap. 8. ubi scribit hunc Prophetam fuisse Simeonem Iustitiam.

anno: *In anno isto ego morior*; hum Varaõ, que fez hum Panegyrico no nascimento de hum Principe, cuja morte tambem logo chorou, e dirigio as lagrimas à Rainha mãy daquelle Principe, a qual tinha o augusto nome de Maria, à qual tambem annunciou as felicidades, que se haviaõ seguir à

quella morte, originadas de multiplicados nascimentos: *Dixit ad Mariam matrem ejus: Ecce positis*

Lucæ 2. 34.

*est hic in ruinam; & resurrectionem multorum.* Eu não sey, que se possa pintar com mais vivas cores

o nosso Orador defunto, que as com que o vemos neste singular Profeta retratado; porque alli vemos

a ancianidade dos seus annos: *Senex unus*; alli a cor do Religioso clerical habito: *Nigris amictus*; e se

aquelle Profeta predisse, que a sua morte havia de ser dentro de hum anno: *In anno isto ego morior*, o

mesmo succedeo ao nosso insigne Orador, que como

mo predizendo a sua vizinha morte; affirmava, que o seu duodecimo tomo, que já tinha acabado, havia de sahir posthumo, e lhe chamava o seu Benjamim, insinuando com isto, que não havia sobreviver àquelle parto do entendimento, assim como Rachel morreo no parto de seu filho Benjamim. Alli finalmente achamos toda a materia da palavra de Deos desempenhada, e da palavra do Prégador empenhada, e defendida: isto he, o Panegyrico no nascimento do Principe, que Deos quiz para si, as felicidades, que se seguirão à sua morte em multiplicados nascimentos, como outras tantas resurreições seguidas à sua morte, e tudo especialmente dirigido à saudosa mãy a Augustissima Maria a Rainha nossa Senhora: *Dixit ad Mariam matrem ejus: positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum.* Vede, que bem representa aquelle Profeta o Orador, a que choraõ defunto as Reaes Quinas do nosso Reyno: *Signa nostra non videmus; jam non est Propheta.* E já que as lagrimas do Reyno na falta deste grande Prégador: *Positus sum ego Prædicator*, por serem perennes, nunca se haõ de acabar, interrompaõ-se agora pelas lagrimas da Religiaõ, que começa a chorar a morte do seu Apostolo: *Et Apostolus.*

Genes. 35. 18.

Veja-se o P. Antonio Vieira na Palavra do Prégador empenhada, e defendida 5. 5. pag. 173. & pag. 180.

## SEGUNDA PARTE.

*Et Apostolus.*

**G**Rande gloria alcançou. o P. Antonio Vieira em se avantejar a todos os Prégadores do Mundo; porẽm mayor triunfo conseguiu em exceder a todos os Apostolos do nosso seculo; porque ser summo entre os professores da eloquẽncia, pôde ser beneficio da fortuna, mas ser summo entre os professos da Companhia, he raro privilegio da graça. Todos sabem o que quer dizer, ser o mayor dos Prégadores; mas não sey se ponderaõ todos, que prerogativa he ser o mayor entre os Apostolos; o ser mayor entre os filhos da Illustrissima, e Santissima Religiaõ da Companhia de Jesus, a quem o nosso Reyno, sem se deixar vencer da sua modesta repugnancia, venera com o glorioso, e merecido nome de Apostolos. Podera dizer eu, que o ser mayor entre os Religiosissimos filhos da Companhia, he ser mayor entre as luzes do seculo, entre as Estrellas da eternidade, entre os Soes do Mundo, entre as columnas da Igreja; entre os Anjos da pax, entre os Serafins abrazados, que todos estes, e outros muitos famosos titulos lhes daõ graças.

Vide Orlandinum in Historia Societatis Jesu tom. 1. lib. 3. n. 40. & Suares tom. 4. de Religione Tract. 10. lib. 1. cap. 1.

Hos titulos invenies apud Christophorum Gomes in Elogiis Societatis Jesu; consule illius indicem verbo Jesuitæ.

ves Authores ; porèm accommodandome eu mais com o que pede a sua modestia, que com o que dicta o seu merecimento, e a minha veneração, não passo de dizer, que o ser o mayor entre os Religiosos da Companhia, he ser mayor entre os Lirios da Igreja, porque estes Religiosissimos Padres são aquelles exemplares Lirios, cuja imitação persuade o Espirito Santo à toda a flor da Santidade: *Flörete flores quasi lilium, & date odorem.* Estes Religiosissimos Padres são aquelles venturosos Lirios, em cuja companhia tem Jesus as suas diliciãs, como disse a Esposa: *Pascitur inter lilia: consortio pascitur liliorum*, explica S. Bernardo. Estes Religiosissimos Padres são aquelles admiraveis Lirios, que com universal affombro do Mundo tendo nascido ha cento e cincoenta e sete annos, ainda hoje florecem naquella aspereza, e mortificação primitiva, symbolizada no amargo da myrrha primeira, como delles parece que profetizou Salamaõ: *Lilia distilantia myrrham primam.* Reparem naquellas palavrãs *myrrham primam*, que declaraõ bem, que na exemplar mortificação destes penitentissimos Padres não se acha o debilitado de antiga, mas affombraõ os fervores de primeira: *Mirrhã primã*, porque não a enfraqueceo o progresso dos annos, antes a fez mais robusta a continuação do exercicio. E que este lugar dos Cantares se entenda dos Apostolos, escreveo Guilhelmo Neobrigense; porque estes são aquelles

Eccli. 39. 19.

Cantic. 6. 2:

D. Bernard. Serm. de Nativitate B. Mariæ prope finem.

Cant. 5. 13.

*Viri Apostolicæ gratiæ, intus fulgent, foris nitent, & redolent. Intus ubi solus Deus videt, fulgens auro Sanctæ devotionis: foris nitent candore bonæ actionis, & dum cavent, se abstinent ab omni specie mali, suæ ve oleum bonæ opinionis latius dispergunt.*  
Guilhelmus Neobrigensis apud Del Rio in Cantica cap. 5. vers. 13.  
§. 3.

àquelles Lirios da Igreja, em que se acha o aureo da devoção, o candido da pureza, e o fragrante da boa fama. Entre estes Apostolicos Lirios foy o P. Antonio Vieira Apostolo singular pela excellencia das virtudes, & *Apostolus. Apostolus virtuosus*, explica Hugo Cardeal; e assim devia ser quem, por ser Religioso da Companhia, era o retrato de S. Paulo, de cujas acçoens se tirou o summario do instituto da Companhia, como observou o P. Cornelio Alapide. De S. Paulo, ao qual o Papa Adriano I. chamou Lirio do Mundo: *Paulus namque mundi lilium.*

Hugo Card. híc.  
Vide P. Ribade-  
neira de Intinuo  
Societatis cap. 3.  
pag. 32. Suares de  
Religione tom. 4.  
traç. 10. lib. 1. cap.  
9. per totum.  
Alapide in 2. Cor.  
6. 9. Adrian. 1.  
tom. 3. Concilio-  
rum part. 1. sec. 2.

De S. Paulo celebraõ muito os Interpretes o fogir de noite para os Apostolos, ou para os Discipulos de Jesus; porèm não he menos para louvar o P. Antonio Vieira em fogir tambem de noite para os Apostolos, para os Discipulos de Jesus, isto he, para o Noviciado da Companhia de Jesus. E com esta differença, que S. Paulo, quando se foy para os Apostolos, fogio de seus inimigos; e o P. Antonio Vieira, quando se foy para os Apostolos, fogio de seu mesmo pay. S. Paulo fogio de quem lhe queria tirar a vida: *Ut eum interficerent*; o P. Antonio Vieira fogio de quem lhe tinha dado a vida. Oh quanto pudera dizer deste admiravel fervor! Oh quanto pudera ponderar o fugir elle valerosamente do Mundo para a Religiao, ajudado pelo efficaz patrocínio da Virgem Santissima (a quem

Act. cap. 9. v. 23.

chamava sua Mãe) no mesmo dia, em que Santo Agostinho, pelas fervorosas orações de sua Santa mãe, fogio das trevas do Paganismo para ser a mayor luz da Igreja! Grande, e memoravel dia o de cinco de Mayo, que deu à Igreja hum Santo Agostinho, e que deu à Companhia hum P. Antonio Vieira! Mas não permite o dilatarme nestas mysteriosas circumstancias da sua entrada na Companhia o muito, que tenho que observar nas virtudes, com que dentro della floreceo este Lirio Apostolico.

A principal virtude, em que foy admiravel este grande Apostolo depois de estar na Companhia, foy a estimação, que fez della, e o desprezo de tudo o que de seus braços o podia arrancar. Amou o nosso Heroe tanto a Companhia de Jesus, como S. Paulo a graça do mesmo Jesus, que considerava como companhia: *Neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare a charitatè Dei, quia est in Christo Jesu.* Dizia S. Paulo, que nem a eminencia, nem o abatimento o poderiaõ apartar do amor de Jesus: O nosso insigne Apostolo affirmava, que nem o abatimento, nem as honras o poderiaõ nunca tirar da Companhia de Jesus. Para provar, que o abatimento não teria este poder *neque profundum*, protestava, que se fosse taõ desgraçado, que a Companhia o despedisse, elle se não havia tirar das suas portas, e que prostrado diante  
dellas,

Rom. 8. 39.

dellas , havia acabar a vida : *Neque profundum , neque creatura alia poterit nos separare.* Mas porque este sempre venerado Apostolo não teve occasião em que o podesse tentar o abatimento , vejamos o como resistio às fortissimas tentações ; com que o combaterão as honras : vejamos o quanto desprezou por amor da Companhia. O Senhor Rey D. João o IV. de gloriosissima memoria o quiz fazer Conselheiro de Estado , e elle recusou a merce , como menos compativel com o estado da Companhia. Offereceolhe grandes dignidades , e respondeo , como quem era mayor que todas ellas , que estimava mais que todas as Mitras do Mundo o Barrete da Companhia , e que não o havia largar , nem que S. Magestade lhe dèsse por elle a sua Coroa. Oh resolução heroica , mayor que toda a ponderação humana ! Em Roma mereceo a graça da sapientissima , e Serenissima Rainha de Suecia , a qual o quiz encaminhar à Purpura Vaticana , e a este fim o mandou repetidas vezes chamar , ainda depois de estar neste Reyno ; sempre resistio a constancia do grande Apostolo , e temendo , que os rogos , com que o Reverendissimo P. Geral João Paulo Oliva o persuadia a voltar a Roma , passassem a preceitos , que o constrangessem a ir , usou da licença que tinha , para se recolher à sua Provincia do Brasil , fazendo mayor jornada para fogir à Purpura , do que nenhum ambicioso faria para alcançal-

la, por mostrar que a eminencia o não havia apartar da Companhia de Jesus: *Neque altitudo poterit nos separare à charitate Dei, quæ est in Christo Jesu.* Taõ heroico desprezo das honras do Mundo, que chegue a recusar lugares no Conselho de Estado, dignidades grandes, e a mesma Purpura, só se acha em hum homem, que tem hum grande espirito; em hum homem, que tem muito de Deos, em hum homem, que tem as virtudes de muitos, e com eminencia: que só quem tem a das virtudes, póde desprezar a da Purpura: *Spiritus Dei amplior erat in illo*, diz a Escritura fallando do Profeta Daniel, a quem o Doutissimo P. Cornelio Alapide chamou espelho de Religiosos: *Daniel representat Religiosos*; que tinha hum grande espirito de Deos, e as virtudes de muitos com eminencia, como explica o Heitor dos Interpretes: *In Daniele multorum . . . virtutes eminebant.* E em que se conheceo esse grande espirito de Daniel, essa eminencia de virtude? O Texto Sagrado o diz: em desprezar o lugar de Conselheiro de Estado, as dignidades supremas, e ainda a mesma Purpura, para a qual o conduziaõ as diligencias de huma Rainha sabia, e a liberalidade de hum Rey generoso, porque offerecendo-lhe o lugar de Conselheiro de Estado, que isso querem dizer, como sabem os Escriturarios, e ainda os Politicos, aquellas palavras: *Tertius in Regno meo Princeps eris*; as dignidades significadas

Daniel 6. 3.

Alapide in Daniel.  
Prologomen. n.  
17.

Hector Pinto hie.

Daniel 5. 16. Vide  
Pererium hie, &  
Brissonium lib. 1.  
de Regno Perfec-  
tum pag. 115. mi-  
hi

cadas naquelle collar : *Torquem auream circa collum tuum habebis* ; e aquella taõ estimada Purpura : *Purpura vestieris* ; procurada pelas efficazes diligencias de huma Rainha , de quem dizem os Interpretès que era summamente sabia : *Quæ sapientissima fuit femina* , respondeo generosamente ao seu Rey , que não queria lugar no Conselho de Estado , que não queria dignidades , que não queria Purpura : *Ad quæ respondens Daniel , ait coram Rege : muneræ tuæ sint tibi , & dona domus tuæ alteri da* ; mostrando nestas palavras huma constancia verdadeiramente Apostolica , como diz sobre este lugar Theodoretto : *Apostolica re vera Prophetarum vox est*. Logo se o nosso insigne Apostolo recusou como Daniel o lugar do Conselho de Estado , as mayores dignidades ; e a mesma Purpura : *Muneræ tuæ tibi sint ; & dona domus tuæ alteri da* , diga-se d'elle como de Daniel , que teve hum mayor , e mais singular espirito : *Spiritus Dei amplior erat in illo* ; se fogio à eminencia da Purpura Romana , procurada pela sapientissima Rainha de Suecia : *Quæ sapientissima fuit femina* ; diga-se , que lograva a eminencia das virtudes : *Multorum virtutes eminebant* , que tinha como o Profeta Daniel huma virtude Apostolica : *Apostolica re vera Prophetarum vox est* ; huma constancia como a de S. Paulo : *Neque altitudo , neque profundum , neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei , que est in Christo Jesu*. Mostrando-se no amor

Daniel ibidem:

Vide Briffonium ubi supra pag. 97. Alapide in Dan. cap. 5. n. 10.

Dan. ibidem vers. 17.

Theodoretus hic.

amor da Companhia hum verdadeiro Apostolo:  
& *Apostolus.*

Porém se o desprezar a eminencia da Purpura; he indicio de possuir a eminencia das virtudes, como se diz de Daniel; quaes foraõ as eminentes virtudes, que adornaraõ a venturosa alma deste Religioso desprezador da Purpura? Foraõ as mesmas, que se admiraraõ em Daniel. Em Daniel celebra Theodoreto a pobreza de espirito, propria dos Apostolos em recusar as merces Reaes. Porém o nosso Apostolo não só quiz ser pobre de espirito, e no affecto, senão tambem na experiencia, e no effeito. O seu vestido sempre foy o mais vil, e o mais pobre; o adorno do seu cubiculo era muito parecido ao da sua pessoa; não havia nelle em que pôr os olhos, mais que huns poucos livros, hum Crucifixo de Missionario, e huma caveira, que tambem para elle eraõ livros, nos quaes fazia o leu mayor estudo da arte de bem morrer; na qual tanto se exercitou, que muitos annos antes da ultima fatal jornada, se dispoz para ella; commungando por Viatico todos os dias. Mas seguindo nestas quotidianas disposiçoens para a morte o celebre *quotidie morior* de S. Paulo, na pobreza parece, que quiz contender com o mesmo Apostolo, porque de S. Paulo sabemos, que teve mais que livros, e que dizia que se contentava com ter alimento para se sustentar, e vestido para se cobrir: *Habentes autem*

Theodoretus ubi supra.

2. Timoth. 4. 13;  
1. Timoth. 6. 8.

*alimen-*

*alimenta; & quibus tegamur, his contenti sumus;* porém o nosso Apostolo ainda com menos se contentava, porque não chegavaõ a cobrillo os seus vestidos, como quem se prezava tanto de ser filho daquella Religiaõ, que he symbolizada nos Lirios; isto he, naquellas sublimes flores, que a pobreza tem por jeroglifico, como diz Juliano: *Lilio m-* Julian.  
*diores in summa egestate viverent.*

Mais admiravel que na pobreza, foy Daniel na Oraçaõ, porque todos os dias orava de joelhos em publico, ou a donde podesse ser visto de todos, ainda com risco da propria vida: *Fenestris apertis* Daniel 6. 10.  
*in canaculo suo contra Hierusalem tribus temporibus in die flecebat genua sua.* Parece-me, que estou vendo em Daniel ao nosso devotissimo Apostolo na terra, hora, e estaçaõ mais fria, orando no desabrigado de huma Igreja com os joelhos postos sobre os marmores, com quem hia a apostar constancias, sem reparar que punha em perigo a sua vida entre os externos rigores do frio, e as chammas do interior incendio: e mandandolhe a compaixaõ dos Prelados, que fizesse a Oraçaõ do Estatuto entre os abrigos do seu cubiculo, elle não menos obediẽte, que fervoroso; depois de contemplar aquella hora retirado, dava mais meya hora na Igreja a este exercicio Angelico, depois de celebrar o Sacrificio; e dissera eu, que elle nestas tres meyas horas de Oraçaõ queria, emulo de Daniel, renovar aquelle fervor

fervor três vezes excitado : *Tribus temporibus in die fleebat genua sua*, senão soubera, que com huma Oração continua mostrava à frouxidão do nosso seculo, que não era impossivel aquelle antigo *Oramus semper* de S. Paulo; com que já não he para admirar aquella sua tão famosa perseverança, com que nas festas feiras passava o dia inteiro prostrado diante da Imagem de Christo morto, sendo como outro S. Paulò, continuo na meditação das penas do Redemptor, com cuja memoria suavizou sempre as suas. Nesta escola aprendeo aquella invicta paciencia, com que tolerou as adversidades da fortuna, e como em eterno agradecimento deste beneficio dispoz, que na Capella do Collegio de Santo Antão se fizesse nas festas feiras de Quaresma o Passo do Senhor morto, dando o que era preciso para perpetuar a annual fabrica daquelle pio, e horroroso Theatro, no qual o silencio do Verbo Divino era a mais eloquente persuasão do sofrimento; e se Daniel soffreo constante as offensas, que lhe fizeraõ, por trazer no pensamento representada a futura morte de Christo: *Occidetur Christus*; tambem a Paixão de Christo meditada fez ao nosso Heroe hum exemplar da paciencia, com a qual se mostrou entre os espinhos dos trabalhos fragrante Lirio: *Sicut lilium inter spinas*, e valeu roso Apostolo: *Et Apostolus*.

De todas estas eminentes virtudes foy indicio o despre-

2. Thessalon. cap.  
1. vers. 11.

Configuratus  
morti ejus. Phil.  
lipp. 3. 10.

Dan. 9. 26.

Cant. 2. 2.

o desprezo da Purpura , tanto como em Daniel, no nosso Apostolo ; mas não foraõ só estas as suas virtudes ; porque teve tantas , que he impossivel o repetirillas ; e he força , que sejaõ as mais as dissimuladas.

De Judas Machabeo , hum dos Heroës ; que de- raõ mayor occupação à trombeta da fama, e o mais observante Religioso do seu tempo , como sabem os versados na Historia Ecclesiastica , diz o Espirito Santo , que se não escreverão todas as suas virtudes , por serem excessivas em numero : *Verba bellorum Judæ , & virtutum quas fecit , & magnitudinis ejus non sunt descripta ; multa enim erant valdè ;* por esta mesma razão não posso eu repetir todas as virtudes deste Religioso Heroe , venerado emprego das vozes da fama , porque são excessivamente numerosas : *Multa enim erant valdè.* Mas as innumeraveis virtudes deste grande Apostolo : *Apostolus virtuosus* , que não cabem nas expressões da minha lingua , ficarão bem declaradas pelas lagrimas de seus saudosos Irmãos. Por estas repetidas lagrimas se hão de contar aquellas virtudes , porque estas lagrimas não só são claro testemunho da saúde , mas também fluido Panegyrico do merecimento.

Morto Judas Machabeo , diz a Escritura , que seus Irmãos o sepultaraõ entre os seus Padres : *Jonathas , & Simon tulerunt Judam fratrem suum , & sepelierunt eum in sepulchro Patrum suorum ;* que fizeraõ

E

grandif-

Judam fuisse Religiosum docet Serarius in Machab. Harmonia, & cap. 14. libri 2. & Salius ad annum mundi 3893. n. 34.  
1. Machab. 9.22.

1. Machab. 9.19.

grandíssimo pranto: *Et fleverunt eum omnis populus Israel planctu magno*; que continuaraõ as lagrimas por muitos dias: *Et lugebant dies multos*; e que admirados perguntavaõ, como era possível que acabasse aquelle Varaõ immortal, que procurava a salvaçaõ dos Povos: *Et dixerunt quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum*? Pois porque ha de ser grande o pranto: *Planctu magno*; e porque haõ de ser muitas as lagrimas: *Lugebant dies multos*? Porque as proezas do Heroe que choravaõ, eraõ grandes, *magnitudinis ejus*, e as virtudes eraõ muitas, *multa enim erant valde*; que grandes proezas só as explicaõ grandes prantos, que muitas virtudes só as celebraõ muitas lagrimas. O mesmo que se vio na morte do Religioso Machabeo, se acha na do nosso grande Apostolo. Sepultaõ-no os Irmãos: *Tulerunt fratrem suum*; choraõ com grande pranto as suas grandes proezas: *Magnitudinis ejus planctu magno*, e choraõ com muitas lagrimas as suas muitas virtudes: *Multa enim erant valde, lugebant dies multos*. Choraõ dous Irmãos, Jonathas, e Simaõ, isto he, duas Provincias, a do Brasil, e a de Portugal; porque os Irmãos de Judas Machabeo são symbolo de Provincias Religiosas; não he a accomodação minha; os curiosos a podem ver no Padre Fullonio da Companhia de Jesus, grande expositor dos livros dos Machabeos. Porém eu quizera accrescentar, que não só eraõ symbolo de Provincias

Vide Fullonium  
in librum i. Machab.  
cap. 2. vers.  
5. 6. In eundem  
mo um.

cias Religioſas, ſenaõ ainda de Provincias da Companhia, porque aquelles Irmãos eraõ da Religiaõ dos Affideos, à qual o eruditiffimo P. Serario dá o nome de Companhia: *Societate. verò inter ſe ſancta & religioſa devinctos*; e eſte meſmo nome lhe tinha já dado Joſefo, fallando dos que naquella Religiaõ ſe aceitavaõ, e dos que della ſe deſpediaõ; porque dos que para augmento da Religiaõ ſe aceitavaõ, diz: *Homines in ſocietatem recepere*; e dos que para ſua conſervação ſe deſpediaõ, diz: *Societate deturbavere*. Nem a eſta Companhia faltou o nome de Jeſu, porque os Affideos, como querem graves Authores, foraõ os meſmos que os Eſſenos, os quaes depois ſe chamaraõ Jeſſeos, tomando o nome de Jeſu, como enſinaõ os Padres Ribadeneira, e Soares. E para que a ſemelhança entre huma, e outra Companhia não pareça que he ſó no nome, daquelles antigos Religioſos escreve Joſefo, que tinhaõ dous annos de Noviciado: *Duobus annis mores ejus ... probantur*; e que todos ſe dividiaõ em quatro claſſes: *Diſcernebantur autem inter ſe . . . in ordines quatuor*. Para que vejamos, que bem representavaõ aquelles Religioſos aos da Companhia, que tem dous annos de Noviciado, como todos ſabem; e ſaõ divididos em quatro claſſes; como diſpoz o grande Patriarcha Santo Ignacio nas ſuas Conſtituições: *Perſonarum autem, quæ admittuntur in hanc Societatem generaliter ſumptam, quatuor ſunt claſſes*.

Serarius in Machab.

Vide Ribadeneiram de Instituto Societatis.

Josephus apud Caramuelem in Theologia Regulari n. 162. Vide Caram. ibidem n. 161. & n. 285. & Ribadeneiram de Instituto Societatis cap. 1. & Suarez tom. 4. de Religione tract. 10. lib. 1. cap. 1. n. 5. Josephus lib. 2. de Bello Judaico cap. 7.

Ribadeneira ubi supra cap. 8. Constitut. Societ. Jeſu part. 1. cap. 1. §. 7.

E não só representavaõ aquelles Irmãos de Ju-  
das Machabeo Provincias Religiosas, como ensina  
o P. Fullonio, nem só Provincias de Religiosos da  
Companhia de Jesus, como parece que tenho mos-  
trado, mas especialmente a Provincia do Brasil, e  
a de Portugal, porque em Jonathas, que significa  
dom do Espirito Santo: *Jonathas donum columbae*,  
reconheço a fervorosa Provincia do Brasil, a quem  
o Espirito Santo parece que deu o dom das linguas  
de fogo para illustração do Gentilismo. Em Simão  
venero a Provincia de Portugal, tomando o nome  
do seu grande Fundador o Veneravel P. M. Simão,  
hum dos nove Companheiros de Santo Ignacio, e  
especialmente esta Casa Professa de S. Roque, a  
qual com o quarto voto de obediencia ao Summo  
Pontifice, mereçe o nome de Simão, que se inter-  
preta obediente: *Simon idest obediens*. Primeiro se  
nomea Jonathas, e depois Simão: *Jonathas; &  
Simon tulerunt Judam*, porque a Provincia do Brá-  
sil, figurada em Jonathas, chorou primeiro, e a  
Provincia de Portugal, symbolizada em Simão,  
chorou depois; e no seu mesmo nome tem a razão  
de ser a segunda em chorar; e he porque não vio,  
mas só ouviu a causa da sua tristeza, que Simão  
tambem significa *audiens tristitiam*. Mas senão foy  
a primeira em chorar, foy a unica em erigir hum  
literario pomposo Mausoleo, assim como Simão  
foy o que edificou o famoso magnifico sepulchro,

Veja-se o P. Anto-  
nio Vicira na 6.  
part. n. 450. e se-  
guintes.

Veja-se o P. Bal-  
thazar Telles na  
Chron. da Com-  
panhia part. 1. liv.  
1. cap. 16.

Interpr. Nomin.  
Hebraic. &c.

Rebanus apud  
Fullonium ubi  
supra S. Rabano.

*Hoc est sepulchrum quod fecit:* ambas estas Províncias celebraõ as grandes proezas do nosso Apostolo com grande pranto: *Magnitudinis ejus, planctu magno;* ambas eternizaõ as suas muitas virtudes com muitas lagrimas: *Multa enim erant valde, & lugebant dies multos;* e ambas dizem como aflombradas: *Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum?* He possível, que acabou hum Varaõ Apostolico, & *Apostolus*, e que tanto trabalhou pela salvaçaõ do Mundo? como se pertendessem augmentar a fonte das suas lagrimas, unindo-as com as do Gensilismo; a quem chega máis de perto este ultimo motivo do sentimento, e que por elle ha muito que nos está pedindo; que o deixemos chorar a ausencia do seu Missionario: *Et magister Gentium.*

1. Machab. 13.  
30.

## TERCEIRA PARTE.

### *Et Magister Gentium.*

**C** Hora finalmente a Gentilidade á perpetua ausencia do seu veneravel Mestre; daquelle grande homem, que depois de ter aflombrado, e convencido em Europa os Hereges de Hollanda, França, e Inglaterra com a agudeza de quem estudou as Filosofias sem Mestre; qual outro Santo

Vide D. Augustinum lib. Con-  
fession. cap. . . .

Agosti-

OP. Antonio Vi-  
eira compoz hum  
Cathéchismo em  
seis linguas da  
America.

OP. Antonio Vi-  
eira t. 4. Serm. 8.  
n. 268.

Chrysof. apud  
Novarinum nos-  
trum in Adagijs  
SS. PP. tom. 1. n. 5.

Agostinhô , de quem antes de ter vinte annos , in-  
terpretou o mais difficil das Escrituras , qual ne-  
nhum outro , se foy occupar nas linguas barbaras  
da America , para instruir os Indios do Maranhão.  
Este foy aquelle grande theatro do seu zelo , a don-  
de em beneficio das almas gastou nove annos , an-  
dando mais de quatorze mil leguas , embarcando-se  
vinte duas vezes , padecendo horriveis tempesta-  
des , e naufragios , como elle mesmo ponderou  
bem semelhantes aos de S. Paulo. Visitou onze ve-  
zes ás quatorze Residencias , que em espaço de seis-  
centas leguas tem no Maranhão a Companhia.  
Alli levantou muitas Igrejas , adornou muitos Al-  
tares , converteo muitas almas , dandolhe os nup-  
ciaes aneis de esposas de Christo , à imitação de S.  
Paulo , a quem S. Joáo Chrysofotomo chamou sa-  
grado Paraninfo : *Credientium pronubus* , e procu-  
rando tambem assegurar-lhes a liberdade na terra,  
para lhes facilitar a do Ceo , com que deixou  
aberta , e franca à Companhia a porta para intro-  
duzir aquella Gentilidade na Igreja : e não só em-  
pregou nas Mistoens do Maranhão o inestimavel  
preço do seu trabalho , senão tambem o do seu  
ocio , applicando para a despeza dellas quanto lu-  
crava na impressão das suas obras : Agora se enten-  
derà cabalmente a razão porque são quatorze os  
livros dos seus Sermoens ; cuidava eu , que elle não  
pertendera com este número mais que igualar o  
das

das quatorze Epistolas de S. Paulo ; mas agora julgo, que quiz fazer quatorze livros, para soccórre as quatorze Residencias daquella Missão. Agora entendo, porque razão foy tão anticipado amigo de Seneca, que sendo de dezoito annos, lhe commentou as suas Tragedias: cuidava eu, que elle não aspirava na eleição daquella obra mais que a satisfazer à erudita sympatia com hum amigo de S. Paulo; mas agora sou de parecer, que fez tanto caso daquellas Tragedias, porque nellas descobria hum famoso yuicínio do novo Mundo, a cuja conversão o conduzia os seus repetidos votos. Agora entendo a razão, porque explicou mais a Josué, e aos Cantares, que outro livro da Escritura, e he porque nos Cantares se acha o desposorio das almas com Christo, e em Josué se conta os effeitos da liberdade do Povo tirado do cativeiro, que he o que elle fez no Maranhão, desposar com Christo as almas, e livrar do cativeiro os corpos. Agora finalmente entendo, porque razão se occupou todo em forjar aquella famosa Chave dos Profetas, à qual quando morreo, estava dando a ultima lima, e he porque sabia, que estava decretado, que abrisse huma grande porta a Missões da Companhia de Jesus aquelle Prégador da Doutrina verdadeira, aquelle Heroe de virtude solida, que tivesse na sua mão a Chave dos Profetas.

*Ecce dedi coram te ostium apertum, quod nemo potest*

De amicitia inter  
D. Paulum, & Senecam, vide Nistum Senensem lib. 2. Bibliothecæ Sanctæ, verb. Paulus.

— *Veniunt annis  
Sæcula feris; quibus  
Oceanus  
Vincula rerum laxet,  
& iugens  
Pateat tellus, Typusque  
no vos  
Detegat orbes, nec  
sit terris*

*Ultima Thule.*  
Seneca in Medea, Actū 2. in fine.  
Martinus Antonius Del-Rio è Societate Jesu in novo Commentario ad hunc Senecæ locum (vers. 378.) ait: *Docet id America, Japonia; & reliquæ insula; in quas arma victriçia nostri homines fidei lucem intulerunt.*  
Apoc. 3. 8.

test claudere, diz o Apocalypse, que ao Anjo de Philadelphia se abriu huma porta, tão franca, que ninguém a poderá fechar. O P. Ribera, que como escreve o P. Antonio Vieira, he o mayor Escriturario da Companhia de Jesus, entende por esta porta a da Igreja aberta aos Missionarios para introduzirem nella os Gentios: *Aperi ostium illius coram te, ut te homines per prædicationem vocante; multi ingrediantur in Ecclesiam*; e que se diz estar tão franqueada, porque nem o demonio, nem os seus ministros a poderão fechar: *Nec valeant diabolus, aut ministri ejus ingressum impedire*. Assim succede hoje no Maranhão; está por força das Provisões Reaes tão patente a porta da Igreja, para os Missionarios com a pregação introduzirem nella os Gentios, que já o demonio por meyo de seus ministros a não poderá fechar. E a quem se abriu essa porta? *Coram te*, ao Anjo de Philadelphia, ou a huma Religião; figurada nesse Anjo, como quer o Abbade Joachim: *Ostium apertum coram Angelo Philadelphia hoc est, illi Ordini, qui significatur per ipsum, & ita manifestè apertum, quod nemo possit claudere*. Que Religião figurada neste Anjo, e vaticinada pelo Abbade Joachim, seja a Illustrissima Religião da Companhia de Jesus, insinua o mesmo Abbade dizendo: *Ipsum Ordinem, quem designat Jesus, e o persuade a opinião muy bem fundada, e commua entre os modernos. Com o que já sabemos neste lugar,*

P. Antonio Vieira  
na Palavra do Pre-  
gador §. 2. pag.  
154.  
Ribera hic.

Joachimus Abbas  
in Apocalypsi part.  
1. cap. 3. ad text.  
1. fol. 87. col. 2.  
milii.  
Joachimus ubi su-  
pra text. 9. fol. 85.  
col. 3. Vide Chris-  
tophorum Gones  
in Elogiis Societa-  
tis part. 1. Classe. 7.  
n. 1. latissimè. Ben-  
zonium lib. 1. de  
Jubilæo. Imagi-  
nem Primi Seculi,  
lib. 1. cap. 2. §. Sed  
non contemus, &  
alios.

gar, qual he a porta, que he a Igreja Catholica; já sabemos a quem se abriu, que são os Missionarios; já sabemos quem são estes Missionarios, que são os Religiosissimos Padres da Companhia; que tudo isto nos dizem os Interpretes. Mas quem abriu essa porta? Que a abriu principalmente Deos, he certo, e isto dizem todos os Expositores, e o sabemos nós; sem elles o dizerem; mas quem foy o instrumento de se ella abrir, isto não dizem os Interpretes, nem o podião dizer, senão fossem Profetas. Consultemos hum Interprete Profeta, que só elle nos ha de soltar a duvida. Perguntemos a S. João, que sendo Evangelista, foy tambem Profeta, quem he o que diz estas palavras: *Ecce dedi coram te ostium apertum?* Eu vos abri a porta das Missoens responde o Profeta consultado: *Hæc dicit Sanctus & verus,* explica Ruperto. Quem disse estas palavras, quem abriu esta porta aos Missionarios, he hum homem pelas virtudes santo; pela doutrina: verdadeiro, hum homem, que tem a chave dos Profetas, *clavem omnium Prophetarum.* Pois se quem havia franquear as Missoens aos Anjos da Companhia de Jesus, havia ser hum homem de virtude muy solida, de doutrina muito verdadeira: *Sanctus & verus,* hum homem, que tivesse a chave dos Profetas: *Clavem omnium Prophetarum,* com muita razão trabalhou o nosso grande Missionario não só a enriquecer a

Apoc. 3. 7.

Rupertus lib. 2. in  
Apocal.

sua alma com virtudes em quanto Religioso: *Sanctus*; em illustrar as de todos com verdades em quanto Pregador: *Vernus*; mas tambem em formar na officina do engenho aquella insigne Chave dos Profetas, para poder deixar patente aquella porta: *Dedi coram te ostium apertum*, para até nisto ser imitador de S. Paulo, que foy aquelle insigne Missionario, por quem Deos abriu as portas da Fé, e da Igreja aos Gentios: *Retulerunt quanta fecisset Deus cum illis, & quia aperuisset Gentibus ostium fidei.*

Act. 14. 26.

Temos visto a quem se abriu a porta das Missões do Maranhão, e quem foy o que a abriu, porque tudo nos declarou o Apocalypse, só nos falta o ponderar o modo com que aquella porta se fez patente: mas isso nos dirá o Livro dos Cantares, que como observão os Interpretes da Escriitura, tem com o Apocalypse huma muy notavel correspondencia; porque se aquella porta se abriu com muitos trabalhos do nosso grande Missionario, e de seus veneraveis Companheiros, com grandes despezas, que por suas mãos se fizeraõ, com grandes diligencias, com que se procurou a liberdade dos Indios, com grande fervor, com que se lhes administraraõ os Sacramentos, pelos quaes Christo celebra com as almas os espirituaes desposorios, tudo achamos naquelle Livro.

Vide Scribthum  
in Cantica tom. 1.  
Anteloquio 9.  
Sec. 4. m. 4. & Al-  
caçar in Apoca-  
lypt. Notatione  
18. proximali n.  
3.

Cant. 5. 14. Junta:  
LXX.

Diz a Espoza nos Cantares, segundo a versão  
dos

dos Setenta, que vio as mãos de Salamaõ cheas de conversoens de Gentios: *Manus ejus tornata aurea implet Tharsis. Propter Gentium . . . convertendarum plenitudinem* commenta Philo Carpacio. Aqui temos ao nosso Salamaõ Portuguez cheyo daquelles despojos da Gentilidade, que para o Ceo adquirio no Maranhão, de quem parece que falla este texto, porque *Tharsis* quer dizer Mar de Indios, como sabem os Escriturarios. Porém porque razão diz a Esposa, antes de fallar naquellas multiplicadas conversoens, que os Interpretes dos pensamentos de Salamaõ, eraõ huns lirios, que estavaõ entre abundancias de mirrha: *Labia ejus lilia destillantia mirrhain?* para mostrar que os seus Pregadores, que isso significação no sentido mystico aquellas palavras: *Labia ejus*, os quaes pela profissão da Companhia de Jesus se fizeraõ Lirios; o acompanhavaõ entre a amarga mirrha dos trabalhos, padecidos na conversão dos Gentios. Diz que as suas mãos eraõ de ouro: *Manus ejus tornata aurea*, para insinuar o muito ouro, que despendero na conversão dos Indios, assim do que antigamente procurou com a sua industria, como do que depois tirou do copioso fruto das suas impressoens, das quaes cada folha era hum ramo de ouro, que franqueava aos Indios do Maranhão a feliz entrada dos Campos Elisios do Ceo. Diz, segundo a paraphrasi do nosso P. Ghislerio, famoso Interprete dos Cantares, que levava

Philo Carpathius hic.

Vide Bonfrerium in Oromastice Urbium, & locorum Sacre Scripturae verbi Tharsis, & Del-Rio in hunc locum Cantatorum §. 1.

Cant. 5. 13.

Labia designare Prædicatores decent communiter Patres apud Ghislerium nostrum in Cant. cap. 4. vers. 3. in Append. expositionum.

Vide Lacerdanius Virgili lib. 6.

Ghislerius hic expositione 1.

as mãos cheas de aneis de ouro: *Manus ejus tornata circumdatae annulis aureis*, para mostrar que levava á quellas almas os despojos do Ceo, e a liberdade da terra, que huma, e outra significação tem os aneis de ouro como, ensina S. Isidoro. Venturosos trabalhos! Bem empregados dispendios! os que abrirão as portas à conversão de hum novo Mundo: *Manus ejus implet e Tharsis*. *Tharsis enim convertios* à espiritual Conquista dos Indios, que podia dar ao nosso Heroe o epitecto de Indico, se do nome, que os Setenta dão à gente conquistada *Tharsis*, não quizermos formar para este grande Conquistador. o titulo de Tharsense, que não estaria mal a quem foy no Maranhão hum S. Paulo, como lhe chamão as memorias daquelle tempo. Hum S. Paulo, que teve o nome de Tharsense: *Nomine Tharsensem*.

Não só mostra este texto o Gentilismo convertido pelo abraçado zelo do nosso grande Missionario, senão que tambem o manifesta fãudofo pela sua perpetua ausencia, pela sua sempre chorada morte; porque se pela palavra *Tharsis* entendemos com Philo Carpacio os Gentios convertidos, *Tharsis* tambem significa o mar, como já notamos, e a donde os Setenta dizem *Implet e Tharsis*, lê a *Vulgata Plena hyacinthis*, que aquelles Infieis convertidos, que aquelles Gentios illustrados são hums prodigiosos Jacinthos. E os Jacinthos, ou sejaõ pedras, como quer a commua dos Interpretes, ou se-

Vide S. Isidorum  
lib. 2. de Divinis  
Officiis cap. 15. &  
lib. 19. Etymolog.  
cap. 32.

Act. 9. 11.

Vulgata editio  
Canti 5. 14.

ou sejam flores, como entende o Veneravel Beda, sempre são para o nosso caso mysteriosos; porque a pedra Jacintho, como escrevem os naturaes, quando as nuvens lhe tirão a vista do Ceo, enche-se toda de manifestos sinais de tristeza: *Quasi mærore oppressus quodammodo extinguitur*: e a flor Jacintho, como sabem os Mythologicos, he celebre pelas saudosas expressões do sentimento. Aquelles mesmos, que se mostraraõ homens na conversão, se mostraraõ mar nas lagrimas; Jacinthos desmayados no sentimento, e Jacinthos saudosos nos suspiros: e com muita razão, porque já se lhe ausentou eternamente aquelle grande Missionario que os livrava de cativeiro, que lhes dava o alivio, e que lhes convertia as almas. Parece-me que ouço lamentar o Gentilismo do Maranhão nesta ausencia por boca do Profeta Jeremias.

*Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas,* diz aquella Gentilidade saudosa, que está chorando copiosas lagrimas, e que todo aquelle sentimento he pela perpetua ausencia de quem lhe procurava o descanso, e a liberdade: *Quia longe factus est à me consolator. Qui convertat animam meam in requiem, & libertatem,* commenta Ruperto; e pela morte de quem tratava da conversão de suas almas: *Convertens animam meam,* e diz o Paraphraste Caldeo, que aquellas não eraõ quaesquer lagrimas, mas huma fonte de lagrimas: *Oculi mei lachrymas effun-*

Beda apud Ghislerium hinc.

Cæsius de Mineralibus lib. 4. part. 2. cap. 5. sect. 12. n. 6.

Vide Plinium Histor. Natur. lib. 21. cap. 11. & Ovidium lib. 10. Metamor. Fab. 5. & illius interpretes ibid.

Threnor. 1. 16.

Rupert. cap. 28. in Threnos.

Paraphras Chald. apud Alapide hinc

*effundunt instar fontis aquarum:* para que esta terceira fonte se unisse às das lagrimas da Monarchia, e da Religião, e arrebetando todas tres na morte deste Pregador Divino, deste Apostolo Soberano, deste Missionario Angelico, imitassem as tres fontes, que brotaraõ na morte de S. Paulo, a quem nestas tres prerogativas imitou tanto, que igualmente diz com elle: *Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium;* declarando com estas palavras não só os três motivos do nosso sentimento, ou às tres fontes das nossas lagrimas; mas tambem as tres causas da sua morte, e do seu triumpho, como exprimem as ultimas clausulas do nosso thema.

## QUARTA PARTE.

*Ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor.*

**D**Eclaraõ estas palavras as tres causas da morte, e dos triumphos do P. Antonio Vieira, porque elle não morreo precisamente porque era homem, mas porque era hum Pregador tão Divino, hum Apostolo tão elevado, hum Missionario tão Angelico; que poderia o Mundo enganarse com elle; e entender que era mais que homem: por isso a Divina Providencia dispoz que morresse como

homem,

homem; mas a Justiça Divina para o remunerar  
 ainda neste Mundo, ordenou, que na morte tivesse  
 honras de Príncipe; que estas costumão ser as con-  
 sequências daquellas premiffas. Desempenhe-nos  
 o Profeta Rey: *Ego dixi Dii estis*, eu vos chamey  
 Divinos: *Et filii excelsi omnes*, e vos reconheci por  
 filhos soberanos; e segundo o Chaleo: *Velut Ange-  
 li vos estis reputati*; vos tendes a preheminencia de  
 Anjos; mas por isso mesmo vos haveis de morrer  
 como homens: *Vos autem sicut homines moriemini*.  
 Aqui temos as causas porque morreo este insigne  
 Varão. Porque na Oratoria pareceo o Deos da elo-  
 quencia; na Religião de Jesus foy soberano imita-  
 dor do Filho de Deos, e nas Missões mostrou hum  
 fervor, e hum espirito Angelico. Continúa o Pro-  
 feta: porém ainda que acabeis como homens, ha-  
 vieis de ser na vossa morte celebrados, como se  
 fosseis Principes: *Sicut unus de Principibus cadetis*.  
 Assim succedeo ao grande assumpto do nosso sen-  
 timento, por ser grande Pregador, grande Apосто-  
 lo; grande Missionario, e morreo como homem  
 para o nosso desengano: *Ob quam causam etiam hęc  
 patior*. Mas essas mesmas tres excellencias lhe gran-  
 gearão na morte glorias de Príncipe: *Sed non con-  
 fundor, sed magis glorior*. Ha muitos seculos,  
 que a morte não conseguiu  
 mayor triumpho; mas poucas vezes teria ella victoria  
 em que lograsse menor despojo. Foy grande neste  
 caso

Psalm. 81. 6.

Paraphrasis Chal-  
daica apud Lorino  
hic.ni est...  
Sicut unus de

caso o triunfo da morte, porque foy mais que grande o Heroe vencido; mas foy pequeno o despojo, porque o menos he o que esconde o Sepulchro, e o mais he o que se eximio da jurisdicção do esquecimento. Não fez preza a morte senão naquellá voz, que já cançada mais com o pezo das glorias, que como pezado dos annos, desfaleceo nos ultimos suspiros; e naquellas poucas Cinzas, cuja chamma sobio deste Mundo, para triunfar no capitolio das esferas em dezoito de Julho deste anno de 1697.

Foy por muitas circunstances notavel o dia da morte do Padre Antonio Vieira, o dia 18. de Julho. Notavel, não só por ser hum dos em que a antiga Roma celebrava a Mercurio como a Deos da eloquencia; mas por ser o dia, em que trezentos e vinte tres annos antes morreo fóra da sua Patria o grande Orador Francisco Petrarca, o mayor homem do seu seculo, e por isso mais semelhante ao grande Vieira, do que pelás suas muitas peregrinações, mais que pela estimação, que deveo aos Príncipes, aos Reys, e aos Summos Pontifices, mais que por ter retirado os hombros à Purpura Cardinalicia, e mais que por muitas outras circunstances, das quaes não são as menores o terse dito d'elle; ainda sendo vivo, o mesmo que todos sempre venerarão no P. Antonio Vieira; porque de Petrarca disse Bocacio, que tinha hum engenho celest.

Rofinus Antiquitatum Rom. lib. 4. cap. 11.

Squarzacicus in vita Petrarcae.

celeste; huma memoria perenne, e huma eloquencia admiravel: *Homo quippe est caelesti ingenio praeditus, & perenni memoria, ac facundia admirabili.* E que nos seus escritos se lêa tudo quanto na Filosofía moral ha de santo, e de perspicaz com tanta magestade de palavras, que nada se podia dizer para a instrucção dos mortaes com mais copia, nem com mais ornato; nada que fosse mais grave; nada que fosse mais santo: *In quibus (falla das obras moraes daquelle grande Escritor) quidquid in moralis Philosophiae sinu potest sanctitatis aut perspicacitatis assumi, tanta verborum maiestate percipitur, ut nihil plenius, nihil ornatius, nihil maturius, nihil denique sanctius ad instructionem mortalium dici queat.*

Boccatus in proemio libri 1. Genealogiae Deorum Gentilium.

Idem ibidem lib. 14. cap. 10. & 19.

Wilhelmus Tyrrius lib. 9. Belli Sacri cap. 23.

Notavel dia para morrer fóra da sua Patria o nosso grande Apostolo, piíssimo venerador do Sepulchro de Christo, o de 18. de Julho, em que 597. annos antes morrera tambem fóra da sua Patria o grande Gofredo, hum dos nove Heroes mais famosos, e o que libertou o Sepulchro de Christo!

Notavel dia para morrer o nosso grande Missionario, que franqueou a tantas almas as portas da Jerusalem Militante, e que conduzio tantos Soldados de Christo debaixo do Estendarte da Cruz para a Jerusalem Triunfante, guiando-as com as palavras, e com os exemplos a serem violentos conquistadores do Reyno dos Ceos! Notavel, digo, G  
aquelle

aquelle dia 18. de Julho , em que foy buscar a melhor Coroa ò primeiro Rey de Jerufalem , que faz patentes as suas portas ao exercito dos seus valerosos conquistadores, allistados de baixo da bandeira da Cruz!

Não foy menos notavel para a morte do grande Padre Antonio Vieira o Mez de Julho , no qual vinte e hum annos antes deixara a vida mortal o seu grande admirador , e bemfeitor o Summo Pontifice Clemente Decimo , que com a sua morte levou da terra ao Ceo as seis Estrellas do seu escudo , tão justamente celebradas pelo P. Antonio Vieira com o glorioso titulo de Clementissimas!

P. Vieira parte 2.  
Scr. 5. num. 161.

Estas seis Estrellas do Papa Clemente Decimo, morto no Mez de Julho , me fazem lembrar de huma Estrella , que se vio sobre o Collegio da Bahia em seis noites , tres antes , e tres depois de morrer nelle este Heroe , aqual tambem me está ensinando , que a sua morte foy como de Principe:  
*Sicut unus de principibus cadetis.*

B. Albertus Magnus tom. 2. lib. 1.  
Meteor. cap. 11.

Entenderão os antigos Filósofos , referidos pelo B. Alberto Magno , que as mortes dos Principes eraõ precedidas , ou seguidas pelos Cometas , ou novos Astros , e assim o tem observado muitas vezes a diligencia dos Historiadores. Bastem dois exemplos da Historia Romana , em que achamos a morte de hum Principe , que foy o Emperador Octaviano Augusto precedida de huma nova Es-

trelha;

trella; e à morte de outro Príncipe, que foy Julio Cesar, seguida por outra Estrella nova. E observe, que ambos estes Principes foraõ celebrados pela sua eloquencia; porque de Augusto se disse: *Eloquentiam, studiaque liberalia ab etate primâ, & cupidè, & laboriosissimè exercuit.* E de Julio Cesar se escreve, que contendendo com Cicero na eloquencia, ficou a vitoria indecisa: *Cesarem enim forensi eloquentia valuisse usque eo scimus, ut ambiguum facere palmam potuerit Ciceroni.*

E se à morte de hum Príncipe eloquente como Augusto precedeo huma nova Estrella, se à morte de outro Príncipe eloquente como Julio Cesar se seguiu outra Estrella tambem nova; tambem à morte do eloquentissimo Padre Antonio Vieira nesta circumstancia foy morte como de Príncipe: *Sicut unus de principibus cadetis.*

Foy o nosso Heroe na vida eloquentissimo Príncipe dos Prégadores, observantissimo Príncipe dos Religiosos, fervorosissimo Príncipe dos Missionarios, e por esta causa ainda que padeceo a morte como homem, naõ se confundio a immortal memoria das suas gloriosissimas acçoens com as caducas memorias do vulgo dos mortaes: *Ob quam causam etiam hæc patior, sed non confundor.* Mas accrescentouse-lhe na morte a gloria, e immortalizou-selhe a fama: *Sed magis glorior:* e morreo como hum daquelles Principes, para cujas Exe-

Dion. Cassius Hist. 2. Rom. lib. 56.  
Lubienecius in Histor. Cometarum de Cometa 54.

Suetonius de Julio Cesare cap. 88.

Idem de Octavi. cap. 84.

Schildius in Suetonii Julium Cesarem cap. 55. ex Lipsio.

quias accendeo o Ceo novas luzes: *Sicut unus de principibus cadetis.*

Parece que assim o quiz testemunhar com linguas de rayos aquelle luzido Metheoro, aquella brilhante Estrella, que appareceo seis noites sobre o Collegio da Bahia na occasião da sua morte, tres noites antes, e tres noites depois della. Tres noites antes, para annunciar a morte deste Principe dos Prégadores, dos Religiosos, e dos Missionarios; e tres noites depois, para nos significar a fama, e gloria posthuma, que alcançou por aquelles tres titulos. Nem o Ceo podia pôr final mais claro da morte, e da gloriosa fama de hum Prégador, de hum Apostolo, e de hum Missionario, que huma nova Estrella; porque as Estrellas são symbolo dos Prégadores, como ensina S. Gregorio Magno; são hieroglifico dos Apostolos, filhos da Companhia, como lhe chamaõ diversos Authores, e são imagem dos Missionarios do Maranhão, como doutamente prova o grande Mestre, que agora choramos. Poz o Ceo aquella nova, e grandissima Estrella, para significar a morte de hum imitador de S. Paulo, a quem Anastasio Sinaita chamou Estrella maxima: *Paulus, qui cum supra omnes esset prima & maxima Stella*: e sobre cujo corpo defunto se vio no Ceo hum esplendor immenso. E se Africa vio huma Estrella sobre o cadaver do grande Antonio, razaõ era, que America admirasse huma nova Estrella sobre

S. Greg. Moral. lib. 29. cap. 20. vide Christophorum Gomes in Elogiis Societatis in indice verb. Jesuitæ Stella.

O P. Antonio Vieira tom. 4. Serm. da Epifania. Gavantus in vita D. Pauli in fine. Anastasius Sinaita lib. 4. Anagogic. contempl. in Hexameron. Petrus de Naralibus lib. 5. cap. 110.

sobre o corpo de outro Antonio , que tambem mereceo o titulo de Magno ; e quando Deos toma por sua conta honrar este Heroe com novas luzes, já não he necessario reparar, em que elle se foy para o Ceo em 18. de Julho, dia, em que segundo Ptolomeu, começa a apparecer nelle a mayor Estrella do firmamento.

Mas quando nem o dia, nem os finaes do Ceo mostrassem, que esta morte tivera circunstancias, que a igualavaõ à dos Principes : *Sicut unus de principibus cadetis*, bastavaõ para provallo estas funeraes pompas, com as quaes hum Heroe, que tem no Escudo das suas Armas as Quinas de Portugal, os Lirios, e o anel, tomã por sua conta o eternizar as lagrimas do nosso Reyno, cujo brazaõ saõ as Quinas, na morte deste Principe dos Prégadores; as lagrimas dos Religiosissimos Padres da Companhia, cujo simbolo saõ os Lirios na morte deste grande Apostolo: as lagrimas dos Gentios do Maranhão na morte deste fervorosissimo Missionario, que lhes procurou a liberdade, significada no anel, satisfazendo com. esta singular demonstração de magnifico, e piedoso às altas obrigaçoens com que nasceo, porque como sabe a erudicção mais vulgar, o fazer Exequias ao Fenix, he obrigação natural de outro Fenix, e he disposição da eterna Providencia, que aquelles, em quem o entendimento se anticipou aos annos, se aventagem a todos

Ptolomæus de significationibus in errantium stellarum apud Peta-vium in Uranologio pag. 98.

As Armas dos Menezes saõ hum Escudo esquarterlado, que tem no 1. e 3. quarto as Quinas de Portugal, e no 2. e 4. cinco Flores de Liz, e no centro hum Anel.

O Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes nasceo em 29. de Janeiro de 1673. e no de 1684. já fazia bons Versos com admiracão de todos. os que o vimos.

todos em sentir a morte dos Varoens insignes: que  
 para dar a outros eternidades de fama lhes permitta  
 o Ceo, que furtassem os annos à puericia. Eri-  
 gio Adão hum magnifico sepulchro a Abel, aquel-  
 le grande Prégador, que ainda conserva a eloquen-  
 cia no tumulo: *Defunctus adhuc loquitur*; mas consta,  
 que não teve Adão annos de menino. Fez Joseph  
 Exequias a Jacob, que segundo Laureto, foy fi-  
 gura de hum Religioso, de hum Apostolo; mas  
 vemos no Ecclesiastico, que nos annos de Joseph  
 até os Abris foraõ Agoostos: *Joseph, qui natus est ho-*  
*mo*. De Jeremias diz o Oraculo Divino, que era  
 Varaõ consumado a pezar dos poucos annos: *Noli*  
*dicere: puer sum*; mas por isso sabemos, que ce-  
 lebrou com funebre consonancia a morte de Josias,  
 aquelle famoso expugnador das Gentilicas cere-  
 monias: *Universus Juda, & Hierusalem luxerunt*  
*eum, Hieremias maxime. Idest, elegos monodias nenas;*  
*epicedia composuit de morte Josia.* De Josias, aquelle  
 Heroe, que mereceo ser chorado com todas as fon-  
 tes das lagrimas: *Dignus plane: ... qui omnibus la-*  
*chrymarum fontibus deplangeretur.*

F porque em ser imitador de S. Paulo; a  
 quem S. João Chrysostomo chamou Abel, Joseph,  
 e Josias, teve o grande Padre Antonio Vieira co-  
 mo Prégador a eloquencia de Abel, como Reli-  
 gioso, as virtudes de Jacob, como Missionario, o  
 zelo de Josias, por isso dispoz o Ceo, que hum  
 Heroe

Sallianus ad an-  
 num mundi 130.  
 num. xxxi.

Hebr. 11. 4.  
 Genesis 50. 10.  
 Lauretus in silva  
 Allegiarum V.  
 Jacob,

Eccles. 49. 17.

Jerem. 1. 7.

2. Paralipom. 35.  
 24. & 25.

Maluenda hñc

Idem ibidem.

S. Joannes Chry-  
 stostom. Homil. 8.  
 de laudibus S.  
 Pauli.

Heroe celebre pela anticipada luz das sciencias, com que desmentio os primeiros crepusculos da puericia , dedicasse ás suas , em competencia de Adão , esse Mausoleo , com emulaçoens de Joseph estas Exequias , e á imitação de Jeremias as harmonicas , e discretas lagrimas , para que já se estaõ prevenindo ambiciosos os gemidos do prêlo , impatientes os suspiros do Mundo ; e eu sacrificando à sua elegancia o meu silencio , acabo com fixar naquelle tumulto o meu thema por Epitafio :

POSITUS SUM EGO PRÆDICATOR ;  
ET APOSTOLUS ,  
ET MAGISTER GENTIUM ,  
OB QUAM CAUSAM ETIAM HÆC PATIOR ;  
SED NON CONFUNDOR.





57  
RELACAO  
BREVE

D A S

E X E Q U I A S

DO REVERENDISSIMO PADRE

ANTONIO VIEIRA,

QUE

O CONDE DA ERICEIRA

Fez celebrar na Igreja de S. Roque da Casa Pro-  
fessa da Companhia de JESUS

*Em 17. de Dezembro de 1697.*



Hegou a Lisboa a 2. de Novembro, dia que a Igreja dedica à memoria dos Fieis, que estaõ seguros da eterna felicidade, a noticia de que piamente podiamos crer, que se contava já no mesmo numero o Reverendissimo P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus, Prégador de S. Magestade, o qual tendo nascido em

Lisboa em 7. de Fevereiro de 1608. morreu na Bahia em 18.

H

de Ju

de Julho de 1697. O Conde da Ericeira, que desde o anno de 1696. tinha estabelecido em sua casa humas conferencias de homens eruditos sobre varias materias scientificas, sendo o principal objecto aperfeiçoar a lingua Portugueza, lhe pareceo fazer huma demonstração, em que acreditasse o muito que venerava a memoria de hum dos mais insignes Varoens em virtudes, e letras, não só do seu seculo, mas dos passados. Escolheo a Igreja de S. Roque da Casa Professa da Companhia de Jesus de Lisboa, e mandando-a armar inteiramente de panos negros com guarniçoens proporcionadas, os fez adornar com diversas pinturas, hieroglificos, emblemas, e empresas com versos Hebraicos, Gregos, Latinos, e nas linguas vulgares, com que os maiores engenhos de Portugal, e de outras partes de Europa cantaraõ sonora, e tristemente este Epicedio. Na porta da Igreja, da parte interior, estava hum retrato do P. Antonio Vicira, muy semelhante, e bem pintado, e escrito em huma targa, que estava na mão de hum esqueleto com azas, o thema admiravel, que tinha escolhido o Reverendissimo P. D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Reglar da Divina Providencia, para a Oração Funebre, que o Conde da Ericeira lhe pedio fizesse, e grã de S. Paulo; e dizia: *Positus sum ego Prædicator, & Apostolus, & Magister Gentium, ob quam causam patior, sed non confundor.* O resto deste troféo estava semeado de coroas de Cipreste, relgios com azas, e outras divisas funebres; e nos quatro cantos se viaõ quatro emblemas, que, como as empresas de toda a mais idéa, compoz o Conde da Ericeira, e se explicavaõ nas quatro linguas em que o P. Antonio Vicira tinha escrito. O primeiro se intitulava *Theologia Perfec̃ta*.

*Magister Gentium.*

Estava pintada a esfera celeste, sustentada por Atlante, que estava vendo toda a sua figura em hum rio, que lhe passava pelos pés com este Epigramma:

*Nunc ego perfectè cognosco arcana Tonantis,*

*Vercice, dum tango, sydera celsa meo.*

*Hæc tamen in puro fugientis flumine vitæ*

*Virtutum cerni, -numina posse dabant.*

O segundo emblema tinha escrito no alto

*La eloquencia muda  
P. adicator.*

Pintava-se Mercurio tocando com o Caduceo os cem olhos de Argos, que adormecia, e estava a flauta quebrada aos pés do mesmo Mercurio, com estes versos:

*A un roto esse instrumento que halagueño  
la mayor perspicacia suspendia,  
del Caduceo el toque adormecia,  
y muerto pareció lo que fue sueño.*

O terceiro tinha por titulo

*La Religione Propagata  
Apostolus.*

Huma barca tocando com as suas extremidades dous Mundos, e Neptuno tocando-os com o Tridente, e assegurando-a com o outro braço:

*Con questo infaticabile Tridente  
de la Divina barca ferma il legno;  
e fece meta un Mondo, e l'altro segno  
che abbraccia e vince la sua fede ardente.*

O quarto.

*Fidelidade incorrupta.  
Patior, sed non confundor.*

Hum Roixinol, que vem a recolherse no ninho, perseguido de hum Esmirilhão, ave rapina:

*Por não perder a fé ao patrio berço,  
aos perigos se expõem, vence os furores;  
e a sua voz suave entre os horrores,  
as attenções suspende do Universo.*

Rematava-se este trofeo; estando pintado na parte inferior humi sepulchro, de que nascia hum Loureiro com este verso:

*Et tumulum facite, & tumulo superaddite carmen.*

No meyo da Igreja se levantava huma grande machina, que se compu-

compunha de tres degraus, sobre os quaes se levantavaõ oito columnas de ordem Dorica, com todos os ornatos da architectura desta proporçã, e todas de charão negro, e prata, atadas com feitoens entalhados primorosamente, as quaes sustentavaõ huma grande cupula, que formava o Domo pintado na mesma fórma, e na parte superior, quasi suspensos no ar, voavaõ quatro Cisnes, que levavaõ huma grande estatua da Eternidade, que tinha na mão a Serpente, que com a cauda na boca formava hum circulo, e não só se fabricou com todas as regras da escultura, mas da prespectiva, para que de tanta altura, que chegava ao tecto da Igreja, se visse debaixo com proporçã. Dentro deste Domo se levantava hum Tumulo, ou Cenotafio, cuberto com hum riquissimo pano de bordado negro, e ouro, com franjas do mesmo, e sobre elle o Barrete da Companhia coroado, e aos pés grandes urnas de prata com agua benta, dando-a com os instrumentos com que se lança muitos Gents-homens do Conde, vestidos de luto. Vinte e quatro tocheiras de prata, e outras muitas luzes collocadas nos Altares, nas vesperas, e no dia do officio arderaõ continuamente, sendo innumeraveis os cirios, que se distribuiraõ pelos muitos Religiosos de todas as Religiões, que o Conde convidou, e muitos Ecclesiasticos de todas as jerarquias, que assistiraõ a este acto.

Nas 32. faces, que formavaõ as bazes das oito columnas, estavaõ pintadas outras tantas emprezas, e eraõ as seguintes.

#### PRIMEIRA.

Huma concha aberta, das Armas dos Vieiras, que tem o mesmo nome, e nella orvalho, que o Sol pintado no alto vay atrahindo, com a letra:

*Feror unde abii.*

#### II.

Hum bordão de peregrino, de que ametade està nas ondas, e a outra na praya:

*Per limen utrumque.*

#### III.

III.

Hum casullo de seda, de que sahe huma borboleta:

*Præitium post funera.*

IV.

A figura de meyo Mundo; de que sahe huma sombra pyramidal, e mais alto o Sol:

*Sublimior.*

V.

Huma Ara com fogo accezo, de que a lavareda chega ao Ceo:

*Quo prima quies.*

VI.

Huma balança, que pondolhe huma maõ, que sahe de huma nuvem, o Globo do Mundo de huma parte, se conserva no equilibrio:

*Semper eadem.*

VII.

Huma véla acceza dentro de hum globo de vidro:

*Undique micat.*

VIII.

Hum compasso descrevendo hum circulo:

*Æternitati pingo.*

IX.

Huma véla apagada com o resto da luz, a que vay accendendo vento, que aísopra da parte do Ceo:

*Ab alto.*

X.

A Constelação da Fenix entre as Estrellas:

*Unica semper.*

XI.

Huma forja, que se accende mais, lançandolhe agua:

*Malo fuit usus in illo.*

XII.

O Sol ferindo com os rayos hum globo de vidro, que fere fogo em hum Loureiro:

*Diverso maximus orbe.*

XIII.

XIII.

Huma Estrella mayor que as outras:

*Luce renata.*

XIV.

O Sol escondendo-se no Horizonte:

*Ipse dies moritur.*

XV.

Huma Aguia mais alta que as fétas, que se lhe tiraó:

*Extra omnia.*

XVI.

Huma mão, que sahe de huma nuvem, movendo facilmente o Mundo:

*Sit tibi terra levis.*

XVII.

Hum rio, que depois de entrar no mar, mostra as aguas mais claras:

*Notescatque magis, mortuus.*

XVIII.

Hum labyrintho, de que sahe hum fio de ouro, ao qual quer cortar com huma tisoura huma mão, que sahe de huma nuvem:

*Non rumpitur.*

XIX.

A Via Lactea com muitas Estrellas miudas, a que da terra está apontando hum telescopio:

*Nec omnibus omnia.*

XX.

Hum Cypreste com folhas, entre outras arvores sem folhas, com chuvas, e ventos:

*Nec jus habuere nocendi.*

XXI.

Huma lagrima de vidro, a que está batendo hum martello sobre huma bigorna:

*Accidit in puncto.*

XXII.

Hum cadeado de letras, de que está pendurada huma chave :

*Non vi, sed ingenio.*

XXIII.

O Sol dando em hum espelho, que leva o seu reflexo a huma gruta escura, que está distante :

*Longè resulget.*

XXIV.

Hum rio congelado :

*Dum riget, perstat.*

XXV.

Hum foguete de lagrimas :

*Vitam reliquit in asfris.*

XXVI.

Hum carro triunfante cheyo de palmas, levado ao Ceo por quatro Cisnes :

*Ad astra feremur.*

XXVII.

Hum Caduceo sobre huma sepultura :

*Dulcis, & alta quies.*

XXVIII.

Huma Urna com huma lampada sepulchral acceza :

*Æterna latendo.*

XXIX.

Hum livro aberto entre outros cerrados :

*Unum pro cunctis.*

XXX.

Hum Girasol mais alto q̃ as outras flores, voltandose para o Sol :

*Sequitur altiora sublimis.*

XXXI.

As abelhas trabalhando dentro de huma manga de vidro :

*Nocte, dieque patet.*

XXXII.

Huma abelha sobre huma rosa :

*Et inventi pramia mellis habet.*

**A**S Vesperas, que se celebrarão com grande concurso, porque assim neste dia, como no do Officio concorreo todo o Reyno, que entao estava junto em Cortes, para o juramento do Principe D. Joao, que hoje felizmente reyna, e nas Tribunas estavaõ os Embaixadores, com o Nuncio de Sua Santidade, Bispos, e Ministros do Conselho Geral do Santo Officio, todos convidados pelo Conde da Ericeira, officiarão os Religiosos da Santissima Trindade, e cantou a Musica da Capella Real a dous coros com os seus instrumentos, fazendo o compasso Antonio Marques Lesbio, Mestre insigne da mesma Capella, o que nunca succede ç senão em funçoens Reaes. Disse Missa de Pontifical o Illustrissimo Senhor D. Alvaro de Abranches e Camara, Bispo de Leiria, de que o esplendor do sangue só he excedido pela virtude, e sciencia, e pela particular estimação, que sempre fez do grande Padre Antonio Vieira, com quem familiarmente se communicava. Depois do Responso, e costumado circulo com incenso ao tumulto, sobio ao pulpito o Reverendissimo Padre D. Manoel Cactano de Sousa, Clerigo Regular da Divina Providencia, e na Oração, que se imprime com esta breve noticia, se lhe fazem os Elogios, que não permite a sua modestia se publiquem neste lugar.